



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIA APARECIDA MARTINS DA SILVA MIZAKAMI

***NO WOMAN, NO CRY - BUT WHY DOES SHE CRY?***  
INTERCULTURALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA  
E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER

---

Londrina  
2017

MARIA APARECIDA MARTINS DA SILVA MIZAKAMI

***NO WOMAN, NO CRY - BUT WHY DOES SHE CRY?***  
INTERCULTURALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA  
E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacicarla Souza da Silva

Londrina  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Mizakami, Maria Aparecida Martins da Silva.

NO WOMAN, NO CRY - BUT WHY DOES SHE CRY? : Interculturalidade nas aulas de língua inglesa e as representações sociais da mulher / Maria Aparecida Martins da Silva Mizakami. - Londrina, 2017.

80f.:il.

Orientador: Jacicarla Souza da Silva.

Trabalho de Conclusão Final (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Interculturalidade - Tese. 2. Ensino de Língua Inglesa - Tese. 3. Temática Mulher - Tese. I. Silva, Jacicarla Souza da. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas. III. Título.

MARIA APARECIDA MARTINS DA SILVA MIZAKAMI

***NO WOMAN, NO CRY - BUT WHY DOES SHE CRY?***

INTERCULTURALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA E AS  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Jacicarla Souza da  
Silva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Cristina Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Otávio Goes de Andrade  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prf<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Ismênia Bossa Grassano  
Ortenzi  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Leit  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 19 de abril de 2017.

Dedico este trabalho com essa estância em versos livres de rima emparelhada à  
Carolina, minha amada

*“Éramos dois, um mais um  
E por muito tempo, mais nenhum  
Já não o somos mais  
Pois meu ventre é testemunha tenaz  
Do bem que o seu amor me fez  
E hoje, somos três.”*

Maria Mizakami

## AGRADECIMENTOS

Permito-me aqui um momento de ruptura com o protocolo para agradecer de forma mais intimista a todos que me acompanharam nesta grande empreitada vanguardista que foi este Programa de Mestrado em Letras Estrangeiras Modernas. Não foi apenas um período de estudos. Longe disso, foi uma jornada de autoconhecimento e amadurecimento – de ideias, práticas, conceitos, tropeços, recomeços, pertenceres, sentir, ver com outros olhos, rasgar-se e só então crescer.

Quero expressar a minha mais profunda gratidão à amada Denise Ortenzi, que me puxou pelos braços e não me permitiu fraquejar.

À brilhante Jacicarla Souza, toda a minha admiração. Obrigada por ter aberto os meus olhos e me conduzir nesta caminhada. Vou carregar uma parte sua sempre comigo, por onde eu andar.

Agradeço também aos colegas e professores do curso, que muito me inspiraram e apoiaram ao longo do percurso. Em especial, muito obrigada Claudia Ferreira por suas aulas vivificantes, que me entusiasmaram a buscar a Cultura em primeiro lugar.

Aos amados Julio e Mayara, cujas risadas pelos corredores da nossa eterna UEL continuam a entoar em meus ouvidos.

À Thaís, minha melhor amiga que assumiu o papel de irmã em minha vida.

Ao Douglas, meu *big brother* que sempre esteve por perto e compartilhou comigo suas mais épicas crises de risos.

Ao Rogério, meu amor para a vida toda, que me encontrou no palheiro e nunca mais se afastou. E com ele, quando nosso amor não coube mais em nossos corações, geramos um terceiro – a Carolina, minha amada a quem dedico os frutos desse trabalho.

À Cultura Inglesa de Londrina, todo o meu orgulho, respeito e satisfação por me sentir plena na profissão que tive o privilégio de escolher.

Aos meus alunos, minha sincera gratidão por contribuírem na minha construção como professora de Língua Inglesa.

E finalmente, muito obrigada UEL. Vemo-nos em breve.

*“Uma educação que não é libertadora faz o oprimido desejar ser opressor.”*  
Paulo Freire

MIZAKAMI, Maria Aparecida Martins da Silva. ***No Woman, No Cry - But Why Does She Cry?*** Interculturalidade nas aulas de Língua Inglesa e as representações sociais da mulher. 2017. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## RESUMO

Ultimamente, temos sido testemunhas da intensa luta da mulher contra o legado patriarcal (BEAUVOIR) e o florir do emponderamento (FREIRE) feminino, aliado às questões de gênero, sexualidade e educação (LOURO). Em face deste cenário, surge a inquietação sobre o que tem sido feito para conscientizar o público jovem sobre as questões de igualdade, diversidade e gênero. Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo principal a sugestão de uma proposta didática de abordagem intercultural (BYRAM) (DURÃO) (KRAMSCH) (PULVERNESS) (BROWN) a qual contemple o ensino de língua inglesa no Ensino Médio com foco na temática mulher e suas representações sociais. Para esta finalidade, é feita uma breve reflexão literária acerca do Feminismo, das políticas para as mulheres, da formação de identidade e sua importância para o âmbito escolar, provocando o leitor a refletir de maneira mais intensa sobre as relações dicotômicas entre Feminismo *versus* machismo e gênero *versus* sexo masculino ou feminino.

**Palavras-chave:** Feminismo. Ensino de Língua Inglesa. Proposta Didática. Interculturalidade. Mulher

MIZAKAMI, Maria Aparecida Martins da Silva. **No Woman, No Cry - But Why Does She Cry?** Interculturality in Teaching English as a Foreign Language (TEFL) and the perception of female social roles. 2017. 80 p. Master's Course Conclusion Paper (Master's Degree in Foreign Modern Languages) – Londrina State University, Londrina, 2017.

### **ABSTRACT**

Lately, we have witnessed women's fierce fight against the heritage of the patriarchy (BEAUVOIR) under the motto of empowerment (FREIRE), closely intertwined with an intense discussion centred on gender issues, sexuality, and education (LOURO). Due to this scenario, a great concern has been raised over the process of making youngsters aware of gender equality issues, diversity and identity formation. Therefore, this academic article aims at devising a teaching material, embraced by the Intercultural approach values (BYRAM) (DURÃO) (KRAMSCH) (PULVERNESS) (BROWN), targeted at the teaching of English as a foreign language in the high school. Such teaching resources focus on how women forge their identity as well as the social roles they play. Ergo, this paper develops a brief, yet utterly relevant, literary reflection upon these issues, questioning their relevance to the high school community as well as provoking the target reader to carefully ponder over dichotomies such as feminism *versus* sexism and gender *versus* male or female sex.

**Keywords:** Feminism. Teaching English as a Foreign Language. Teaching Resources. Intercultural Approach. Women.

## SUMÁRIO

<b>1. PALAVRAS INICIAIS</b> .....	9
<b>2. SISTEMATIZAÇÃO APLICADA</b> .....	13
<b>3. MULHER, FEMINISMO E EDUCAÇÃO</b> .....	15
3.1 POLÍTICAS PARA AS MULHERES NO ATUAL CENÁRIO POLÍTICO DO BRASIL.....	15
3.2 FEMINISMO E EDUCAÇÃO: BREVES REFLEXÕES TEÓRICAS .....	16
<b>4. ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO E MATIZES CULTURAIS</b> .....	20
4.1 NO WOMAN, NO CRY POR CHRIS OFILI .....	22
<b>5. LEGADO LINGÜÍSTICO CULTURAL JAMAICANO E BOB MARLEY</b> .....	24
<b>6. EM TORNO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA</b> .....	26
6.1 NO WOMAN, NO CRY – BUT WHY DOES SHE CRY.....	27
6.2 DISCUSSÃO DE ENCERRAMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA .....	30
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>APÊNDICES</b> .....	41
APÊNDICE A – Proposta didática.....	42
APÊNDICE B - Opções de atividades para a apresentação da canção <i>No Woman, No Cry</i> .....	70
APÊNDICE C – Versão do Aluno .....	77
<b>ANEXOS</b> .....	78
ANEXO A – Letra da canção <i>No Woman, No Cry</i> .....	79
ANEXO B – Pintura <i>No Woman, No Cry</i> de Chris Ofili.....	80

## 1. PALAVRAS INICIAIS

**No Woman, No Cry** – Não Chore Mulher, Não Chore – Música de autoria de Bob Marley<sup>1</sup>, ícone musical e cultural jamaicano, é mais uma narrativa de saudade, dor e medo do que um simples refrão que muitos cantarolam sem perceber a angústia por trás da letra, na qual uma figura feminina jamaicana e pobre é carinhosamente consolada em suas lágrimas.

Apenas uma música? Não, pintura também. No final da década de 90, o artista plástico Chris Ofili revisita **No Woman, No Cry** de Marley em sua obra homônima vencedora de um prêmio *Turner*, ao fazer um tributo em memória de uma vítima de preconceito racial. Em sua pintura<sup>2</sup>, Ofili retrata a mãe da vítima, negra, em lágrimas. Além de obras de arte tão emblemáticas por realizarem uma importante função sociocultural ao dar voz à mulher e as mazelas às quais são submetidas, é uma das temáticas abarcadas por este artigo, e por isso, adota o nome destas [obras] como título e inspiração para a elaboração de uma proposta didática como produto final desse trabalho.

Em tempos de amplo debate sobre formação de identidade e diversidade de gênero, a mulher faceja um momento social ímpar de empoderamento<sup>3</sup> feminino e luta pela legalização de seus direitos. Imerso neste cenário, o presente texto prima pela elaboração de uma proposta didática em Língua Inglesa como Língua Estrangeira, possibilitando aos alunos espaço para reflexão, construção e expansão do conhecimento e troca de experiências / vivências. Esta proposta servirá como sugestão didática aos alunos e professores de Línguas Estrangeiras Modernas, envolvidos com o ambiente escolar, e interessados no ensino sob a perspectiva que tende a desconstruir os papéis ocupados pela mulher na sociedade.

---

<sup>1</sup> Conforme Rita Marley relata em sua obra autobiográfica **No Woman No Cry: My Life with Bob Marley**, Vincent Ford, também chamado por Rita e Bob como Tata, foi creditado como co-autor desta canção mesmo não tendo sido de fato. Este feito foi fruto da honra à forte amizade entre Tata e o casal Marley e seu papel de figura de pai para Bob. (MARLEY & JONES, 2004).

<sup>2</sup> A obra *No Woman, No Cry* de Ofili encontra-se em exibição no *Tate Gallery*, em Londres e faz parte da galeria do *Google Art Project*. (Ver anexo)

<sup>3</sup> Neologismo de alcunha de Paulo Freire, em livre tradução do verbete de língua inglesa *empowerment*. Para o educador, trata-se da “capacidade do indivíduo realizar por si mesmo as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer.” (FREIRE, 1992) Esse termo vem sendo utilizado de forma recorrente pelas feministas, com o intuito de enfatizar a importância do fortalecimento do poder feminino no combate aos valores machistas impostos pela sociedade.

Desta forma, espera-se que este trabalho possa contribuir para o curso de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas oferecendo à comunidade acadêmica, vinculada ao Ensino Médio, uma proposta didática sobre a temática mulher e suas representações sociais.

A escolha do tema “*No Woman, No Cry – but why does she cry?*” encontra respaldo em dois documentos oficiais do Ministério da Educação e Cultura (MEC) – **Diretrizes Curriculares Estaduais para o ensino de Língua Estrangeira Moderna** (DCE – LEM) do Estado do Paraná (Paraná, 2008); e **Orientações Curriculares para o Ensino Médio** (Brasília, 2006). Além destes documentos, este artigo toma como base o **Programa Nacional de Políticas para as Mulheres** (PNPM) (Brasil, 2013 – 2015), programa criado a partir das discussões a respeito das metas e formulação de políticas destinadas às mulheres e à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) reafirmando a prioridade da equidade de gênero.

Ambos os documentos oficiais valorizam a escola como espaço social democrático, em que os participantes, alunos e professores, apropriam-se de forma crítica e histórica, do conhecimento como instrumento de compreensão das relações sociais com a finalidade de transformar a realidade, propondo ensino de língua estrangeira (ELE) com vistas “a um ensino que contribua para reduzir desigualdades sociais e desvelar as relações de poder que as apoiam” (PARANÁ, 2008, p. 49). Ainda dentro dessa vertente, o documento **Orientações Curriculares para o Ensino Médio** reitera que o ensino de língua estrangeira visa a “ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, [...] contribuir para a formação de indivíduos” (BRASÍLIA, 2006, p. 91), favorecendo um modo de pensar aberto e livre, contribuindo para o amadurecimento da cidadania.

Posto que língua e cultura são indissociáveis (KRAMSCH, 2004), busca-se ainda com este trabalho uma reflexão crítica sobre o ensino dissociado da LE (Língua Estrangeira), da língua pela língua. Oportunamente, Byram (1997) ressalta em ***Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*** que o Ensino de Língua Estrangeira (ELE) tem como alicerce a prática da alteridade (*otherness*), uma vez que requer dos alunos o engajamento de experiências familiares e não familiares por meio da LE. O ELE visa a favorecer a promoção da comunicação inteligível, porém, vista como muito além de uma simples troca de informação. Para o autor, a comunicação deve ter em sua essência as mais

diferentes nuances de comportamento, crença e particularidades do convívio entre os falantes de LE.

Deste modo, ao fomentar discussões por meio do ensino de Língua Inglesa (LI) como um instrumento de comunicação, espera-se que o aluno se beneficie de uma reconstrução da sua visão de mundo, e inclusive da própria realidade, ao final da aplicação da proposta didática, apropriando-se de forma reflexiva de conceitos, políticas e práticas culturais contemporâneas de relevância social como o Feminismo e os estudos de gênero.

É conveniente ressaltar que a escolha do tema para esse artigo é consoante às prioridades definidas no PNPM para o campo da educação, dentre muitas, a promoção de ações no processo educacional para a equidade de gênero, raça, etnia e orientação sexual; valorização das iniciativas culturais das mulheres e estímulo à difusão de imagens não discriminatórias e/ou estereotipadas das mulheres.

Indiscutivelmente, o meio acadêmico ocupa papel de destaque no empreendimento de ações concretas para o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, além da promoção do tratamento igualitário a todos os cidadãos, o grande mote do movimento feminista. A título de exemplo de articulação acadêmica feminista, pode-se elencar o projeto Universidade Livre Feminista ancorado a um programa do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), sediado no Distrito Federal; o movimento estudantil Coletivo de Mulheres PUC-Rio, que militam contra a cultura do estupro; a Frente Feminista DCE Livre da USP e o coletivo Marias Baderna (Letras – USP), que organizam atos tanto dentro do campus como online; a organização Mulheres da UNE, a qual promove a auto-organização das mulheres do Movimento Estudantil (ME), discute, propõe e encaminha políticas de combate à desigualdade, entre muitos outros.

Na UEL, o Coletivo Mietta Santiago, coletivo de mulheres do Direito, o qual luta contra trotes abusivos de todos os cursos da instituição, é o único autodeclarado feminista da universidade. Dentro do campus existem vários outros, mas com temáticas e demandas diferentes. Basta uma simples busca pelas

principais redes sociais<sup>4</sup> para listar um pulsante rol de expressões feministas no meio acadêmico nacional.

Ademais, o papel do professor, muito além de mediador e facilitador em sala de aula, é o de formador de cidadãos em sua essência. Nesse sentido, pensou-se na proposta didática “*No Woman, No Cry – but why does she cry?*”, produto final deste artigo, como uma ferramenta a ser utilizada no estágio obrigatório pelos alunos de Língua Inglesa, inseridos no contexto do ensino médio. A ideia dessa atividade ser usada pelos estudantes de cursos de Licenciatura de Língua Inglesa levou em conta que notoriamente um dos berços das discussões referentes à equidade social se dá durante o processo de formação acadêmica dos discentes, *ipso facto*, quanto mais engajado for o aluno da graduação, maiores serão as oportunidades geradas em sala de aula para a discussão dessas valorosas questões sociais.

Sendo assim, a proposta didática deste artigo estará disponível no site da Biblioteca Central da UEL, não apenas a todos os participantes de LEM, como também a outros colegas de outras áreas, interessados na temática mulher, que queiram fazer uso desse material para o ensino de LI seguindo uma estrutura interdisciplinar.

Ao longo deste artigo, o leitor será provocado a fazer uma reflexão mais ampla com relação a algumas relações dicotômicas como Feminismo *versus* Machismo e Gênero *versus* Sexo. Ao final do artigo, ideias centrais são retomadas a fim de apontar futuros estudos dentro da perspectiva de gênero e sua aplicabilidade em sala de aula.

---

<sup>4</sup> As redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, por inúmeras vezes e em situações as mais diversas, foram e são poderosos meios de divulgação de grandes movimentos político-sociais, protestos e manifestações. Portanto, não devem ser menosprezadas.

## 2. SISTEMATIZAÇÃO APLICADA

Atendendo a fins metodológicos, a pesquisa realizada neste trabalho é classificada como documental e bibliográfica, pois foi “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008). À vista disso, realizou-se um levantamento de publicações que discutiam sobre o tema abordado por este artigo, alicerçando-o substancialmente. Em relação à pesquisa documental, o autor afirma que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p.51)

Por conseguinte, tanto a pesquisa documental quanto a bibliográfica se fizeram necessárias para a angariação de informações acerca do tema proposto por este artigo, tendo em vista a consulta realizada a periódicos, documentos que norteiam o Ensino Médio no Brasil e textos acadêmicos de referência.

Quanto à sistematização, este trabalho segue o escopo de uma série didática, que de acordo com Kobashigawa et al (2008) trata-se de um conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas etapa por etapa pelo docente, de forma que os alunos possam entender e tomar posse do conhecimento que permeia o tema proposto de modo satisfatório. Consequentemente, esta modalidade visa contribuir à apropriação do ensino, fazendo com que as intervenções realizadas no ambiente escolar possam ser viáveis e proveitosas a todos os participantes.

A aplicabilidade dessa modalidade se justifica pelo fato dessa proposta didática requerer o estabelecimento de objetivos específicos de ensino, bem como o desenvolvimento de atividades que atendam esta demanda, levando-se em consideração o contexto educacional.

Com o propósito de evitar um entendimento equivocado sobre o termo “série didática” adotado por este artigo, faz-se necessário esclarecer que sua

acepção não reflete o mesmo teor do jargão linguístico “sequência<sup>5</sup> didática”. Este último é definido por Dolz, Noverraz & Schneuwly como “conjunto de atividades pedagógicas organizadas de maneira sistemática, com base em um gênero textual [...], oferecendo aos alunos instrumentos eficazes para melhorar sua capacidade de ler e escrever”. Em contrapartida, o uso do termo “série didática” sugere um repertório de práticas didáticas que seguem uma sequência em sua disposição a título de manutenção da organização e coerência da proposta pedagógica. Não se busca trabalhar de maneira focada em torno de um gênero textual, uma vez que um dos objetivos desse artigo é propor uma inserção cultural nas aulas de LE por meio da Arte como recurso pedagógico.

---

<sup>5</sup> Neste artigo, segue-se a definição de “sequência” conforme aclarada pelo dicionário Aurélio nas entradas 1, 2 e 3 do presente verbete, as quais postulam seu significado como sendo “ato ou efeito de seguir, seguimento, continuação, série ou sucessão”. (HOLANDA FERREIRA, 1999, p. 1980)

### 3. MULHER, FEMINISMO E EDUCAÇÃO

#### 3.1 POLÍTICAS PARA AS MULHERES NO ATUAL CENÁRIO POLÍTICO DO BRASIL

Falar de Políticas para mulheres no Brasil é trazer à tona lutas e tímidos avanços, seguidos de inglório retrocesso. Atualmente, toma-se por incerto o futuro do **Programa Nacional de Políticas para as Mulheres** (PNPM), criado em 2012 pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), como anteriormente mencionado, fruto de discussões a respeito de metas e formulação de políticas destinadas às mulheres e à população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), “que conta com 94 metas”, sendo uma delas a inserção das questões de gênero no âmbito escolar, “56 prioridades e 388 ações distribuídas em 11 áreas de atuação” (Portal Brasil, acessado em 21/05/2016).

Todavia, por ocasião do recente afastamento da então Presidente Dilma Rousseff, em virtude do processo de *impeachment*, e consequente empossamento do Vice-Presidente Michel Temer, agora Presidente, foi extinto o Ministério das Mulheres, da Igualdade Social e dos Direitos Humanos, pasta a qual passa a ser incorporada e assistida pelo novo Ministério da Justiça e Cidadania. Previamente, a medida provisória 696/15 aprovada pelo Plenário da Câmara Federal em 18 de fevereiro de 2016, golpeia o extinto ministério ao determinar a retirada da expressão “perspectiva de gênero” dos documentos oficiais e propõe que a política nacional de direitos humanos seja feita em conformidade com o Pacto de São José da Costa Rica, o qual reconhece o homem e a mulher sob a concepção de sexo baseada nas diferenças biológicas entre macho e fêmea.

Temer já se faz notório pela ausência de mulheres e negros nos cargos de chefia em seu mandato, esquivando-se ao projetar nos partidos total responsabilidade pela indicação de nomes para tais cargos. Polêmicas à parte, o Presidente convidou Flávia Piovesan, sua orientanda de mestrado, para assumir a recém-reformada Secretaria Nacional de Direitos Humanos no dia 17 de maio de 2016. Conforme notícias divulgadas pelo portal G1 (acessado em 20/05/2016), Piovesan defenderá o respeito ao Estado laico, a inclusão das mulheres no debate sobre o aborto e maior cautela com relação à articulação cada vez maior de grupos religiosos no Legislativo e que dificultam o debate ético de temáticas ligadas aos direitos humanos no campo da sexualidade e da reprodução.

Tudo ao seu tempo, este artigo ainda se embasa nos pressupostos abarcados pelo PNPM, haja vista que o agora Ministério da Justiça e Cidadania não fez nenhuma publicação oficial que mencionasse ou propusesse mudanças ao programa.

### 3.2 FEMINISMO E EDUCAÇÃO: BREVES REFLEXÕES TEÓRICAS

Desde sempre, a preocupação com a legalização de direitos tem sido o cerne do movimento feminista. Todavia, a natureza do seu significado e o grau de interesse apresenta variações no que diz respeito aos três grandes momentos do movimento feminista (MOI, 1989).

A primeira grande onda, para usar o termo apresentado por Duarte (1990), que ocorreu quase exclusivamente nos Estados Unidos e alguns países da Europa no final do Séc. XIX mantinha uma natureza sufragista, ou seja, a luta por direitos iguais entre homens e mulheres, nas urnas, pelo direito de votar e ser votado, até então exclusivamente do homem, assim como o direito à propriedade e até mesmo pelo fim do casamento arranjado.

Já na segunda onda feminista, a partir da década de 1970, surge o conceito de identidade, ponto central das humanidades e ciências sociais, além de uma readequação do próprio movimento, ampliando ainda mais as reivindicações e conquistas frutos da primeira onda. Formada por membros mais liberais, a segunda onda clamava não só por direitos iguais, como também por reconhecimento igualitário de gênero pela sociedade, liderada, desde sempre, por homens para homens, que Ann Branaman (2014) trata em seu artigo "*Feminism and Identity*" como "*male domination and female submission*"<sup>6</sup> (2014, p. 32), conceitos largamente enraizados na visão sexista de divisão binária dos sexos masculino e feminino em detrimento da concepção de gênero, em que o indivíduo constrói socialmente sua identidade ao invés de aprisionar-se em um rótulo já pré-definido por fatores genéticos<sup>7</sup>.

O terceiro momento, que teve início no fim da década de 1980, apenas uma década após a onda anterior, e que perdura até os dias atuais, caracteriza-se como um movimento multicultural, pós-colonial, constituído por

<sup>6</sup> "dominação masculina e submissão feminina" (Tradução minha).

<sup>7</sup> Há uma gama de estudos sobre a genética humana como uma determinante da homossexualidade.

feminismos globais, engendrando uma retomada de algumas iniciativas e contestação de definições essenciais da feminilidade que se apoiavam sobretudo nas experiências de vida de mulheres brancas e integrantes de classes sociais mais abastadas (BRANAMAN, 2014).

A propósito, quando Beauvoir entoa a seguinte máxima em 1949, em seu livro **O Segundo Sexo – A Experiência Vivida**, dizendo que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1967, p. 9), a feminista francesa está antecipando de modo vanguardista o que seria o cerne da segunda onda em 1970. Beauvoir abre caminhos para a teorização em torno das desigualdades construídas em função das diferenças de sexo, trazendo em sua obra **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos** um apontamento até hoje lamentavelmente vigente em nossa sociedade: o machismo. Beauvoir assevera que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (1970, p. 10). É aqui que gostaria de provocar o leitor a um olhar mais analítico sobre a relação dicotômica entre machismo e feminismo.

Seria o feminismo o oposto do machismo? Antes de prosseguir com a análise, é válido ressaltar que o machismo não é um movimento ideológico social em si, e sim uma imposição social. Trata-se de uma relação de poder construída socialmente para impor a superioridade masculina, limitando os direitos das mulheres e colocando-as em posição subalterna, simplesmente pelo fato de serem o que são, mulheres. Não se vê e não se ouve falar da “luta pelos direitos machistas”, posto que os direitos sejam por natureza postulados de forma a prevalecer o homem em detrimento à mulher, seguindo toda uma concepção misógina de ordem mundial. O *status quo* em nossa sociedade é essencialmente patriarcal, haja vista as programações da TV aberta, os periódicos de grande circulação e as discussões sociopolíticas acerca de conceitos como gênero e construção familiar, discussões essas tão ironicamente “abraçadas” pela bancada religiosa do nosso Estado laico.

Retomando a pergunta lançada anteriormente, podemos afirmar que não se trata do feminismo como um machismo às avessas, uma vez que o movimento das mulheres não propõe o domínio da mulher sobre o homem. Vale lembrar que o machismo exerce um domínio que estende as relações de gênero, perpassando as relações entre classe e etnia. Nesse sentido, o feminismo dita em prol da liberdade e questiona as amarras sociais que afetam não simplesmente as questões de ordem de gênero.

Ainda sobre essa questão, Costa (2004) apresenta em seu artigo “Movimentos Feministas, Feminismos” o conceito de *backlash*, ou em português traduzido pela autora como refluxo antifeminista. Costa explica o *backlash* como um contra-ataque para impedir o progresso das mulheres e para minar as forças do movimento feminista, fazendo alusão à mulher traída pelos seus próprios ideais e aprisionada em seu próprio sucesso, sua própria ruína, como diz o slogan do movimento de raízes norte-americanas: “você pode ser livre e igual o quanto quiser, mas nunca se sentiu tão infeliz”. (2004, p. 23). Do mesmo modo, Costa (2004, p. 24) abarca as diferenças dentro do próprio movimento feminista, pontuando que “problemas da convivência e de hierarquias sociais entre mulheres desiguais por posição de classe, status intelectual e profissional, de raça/etnia e mesmo geração, longe estão de ser equacionados”. Dessa forma, até mesmo dentro de um movimento articulado em benefício de minorias e luta pela igualdade há discrepâncias, como aponta Costa (2004, p. 28) ao enunciar que: “os movimentos feministas movem-se no campo das lutas por direitos, mas direitos para algumas mulheres apenas”, cenário esse que a terceira onda do feminismo visa a reiterar.

Ao considerar o âmbito escolar, Louro (1997) contrapõe determinados pressupostos elencados por documentos oficiais, especificamente a valorização da escola como espaço social democrático, tal qual a proposta de um ensino que contribua para reduzir desigualdades sociais e desvelar as relações de poder que as apoiam, os quais também serão apresentados neste artigo. A autora ressalta que a realidade escolar está longe de ser abraçada pelos ideais de igualdade. Ao contrário, em **Gênero, Sexualidade e Educação**, reitera-se que a escola é, na verdade, palco de diferenças, distinções e desigualdades pelo simples fato de não ser uma oportunidade para todos – há indivíduos que até hoje nunca frequentaram uma escola. Não obstante, a escritora sustenta que a escola continua seu papel de agente segregacionista, ao classificar e hierarquizar internamente os indivíduos que conseguiram cruzar uma grande barreira para estar ali, dentro da escola.

Nesse sentido, Louro (1997, p. 130) ainda alerta que “o programa político contemporâneo sobre temas relacionados com o sexo está sendo elaborado não por uma esquerda libertária, mas por uma direita moral”. Hoje, vinte anos mais tarde à data da fala da pesquisadora, é possível perceber que a direita moral continua presente, porém, na roupagem da famigerada “bancada religiosa”. Ainda,

segundo a estudiosa, não se pode negar que “as questões de sexualidade estão na escola, e fazem parte das conversas das/os estudantes” (1997, p.131), e estão assumidamente ou não, nas falas e atitudes do professor em sala de aula.

Traçando um paralelo entre o que Louro afirmava em 1997 e as discussões exaltadas dos dias de hoje, é possível testemunhar que houve mudanças. No passado, os debates acerca da concepção da identidade heterossexual, como normal e natural, e, por conseguinte excludente, ocorriam de forma superficial e velada. Atualmente, essas questões são abordadas mais abertamente, com base nas políticas de igualdade e novas concepções de gênero e identidade.

Neste ponto, percebe-se certo avanço pautado não apenas na luta por direitos iguais, como também pela desmarginalização, no sentido de sair das margens sociais e ocupar um lugar relevante na sociedade. Apesar dessa conjuntura aparentemente mais heterogênea, o movimento pela igualdade está ainda em seus primórdios, uma vez que a direita conservadora da fala da autora de 1997 continua a se entropor com vigor jamais visto.

#### 4. ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO E MATIZES CULTURAIS

Arte talvez seja um dos recursos mais desprezados no ensino de línguas, conforme Peter Grundy e Hania Bociek (2011) asseveram em *English Through ART*. De fato, Arte e *Design* estão por toda a parte – nas roupas que vestimos, nos carros que dirigimos, no modo como servimos a mesa, na maneira de decorar e mobiliar nossas casas, nas paisagens urbanas do nosso cotidiano.

Para Grundy e Bociek, ao considerar em especial, Arte e *Design*, temos por certo que conhecemos intimamente os nossos gostos – as cores, os formatos, os padrões e as combinações destes que mais nos atraem. O temo todo estamos reagindo ao que vemos e fazendo juízo estético simultaneamente. Apesar de todos os alunos terem uma habilidade visual, embora variável de indivíduo para indivíduo, muitas vezes suas preferências são discriminadas.

No entanto, os autores sustentam que seria um engano limitar nossas percepções de arte como apenas uma habilidade visual mais esteticamente apurada, predominantemente passiva, onde somente respondemos ao que vemos. Muito do nosso esforço criativo em construir uma autoimagem para impressionar aos outros está no uso da Arte e *Design* como forma de expressão pessoal.

É bem verdade que os nossos alunos podem apresentar dificuldades para entender e perceber a Arte como um todo. Isso ocorre tanto por aspectos históricos, que demandam considerável conhecimento técnico, como por sua falta de familiaridade de como a sociedade atual produz e consome Arte. Essa dificuldade acentua-se ainda mais quando expostos a outras formas de arte produzidas por diferentes culturas.

Em razão disso, ao adotar a Arte, mais especificamente a música e a pintura como um instrumento de ensino de línguas, pretende-se incentivar o aluno a usar a língua estrangeira de uma forma mais independente, distanciando-se do óbvio e motivando-os a ampliarem sua capacidade de pensamento lateral, bem como sua visão de mundo. Tudo isso devido à forma como a Arte provoca nas pessoas a vontade de manifestar ora sutilezas, ora pensamentos mais profundos. Afinal, torna-se mais fácil se comunicar quando há uma proposta de prática significativa e inspiradora.

Outrossim, o valor cultural o qual é agregado à aula de língua estrangeira através da pintura e música como forma de Arte, possibilita ao aluno um

rompimento de barreiras. Conforme H. Douglas Brown (2000) define em ***Principles of Language Learning and Teaching***, a Cultura é uma forma de vida, o contexto no qual existimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos com os outros. Para Brown, aprender uma nova língua é aprender uma nova cultura, e até mesmo, adquirir uma nova identidade, já que ninguém pode permanecer inerte ou imutável ao experimentar uma perspectiva diferente de mundo. Ao adotar uma canção e uma pintura como recursos didáticos base para este projeto, busca-se, por meio destes materiais autênticos<sup>8</sup>, proporcionar aos alunos, quase sempre aprisionados em um ambiente artificial e controlado como a sala de aula, acesso a diferentes culturas, como proposto por Claire Kramsch (2004) em ***Context and Culture in Language Teaching***.

Entretanto, é necessário perceber que o contato com outra cultura não pode ser visto como uma ameaça à nossa própria identidade. Ao contrário, este tipo de experiência deve ser considerado como fator enriquecedor da forma como vemos e construímos o nosso entendimento de mundo, aproveitando exatamente estes contrastes culturais (BYRAM, 1989). Com relação à concepção da língua como um produto social, Durão (1999, p. 140) defende que:

Concebemos a língua como produto social, reflexo direto da cultura, assim como elemento ideológico de definidor, por isso entendemos que aprender a falar uma LE não se restringe apenas à fixação de regras gramaticais, à decodificação auditiva de mensagens e à produção de fonemas da LE, mas também ao aprendizado do funcionamento da cultura inserida no processo comunicativo original, porque é dessa maneira que se reconhece o que é apropriado ou inapropriado dentro de uma comunidade lingüístico-social específica.

O ELE extrapola os limites da linguística ao oferecer ao aluno comparações e percepções entre a LM e a LE. Ferreira (2012) reforça esta ideia ao lembrar-nos que “é em meio a um contexto de interação (inter) cultural, no qual o professor é um mediador entre as culturas (materna e estrangeira) que o aprendiz tem mais elementos para se tornar competente linguisticamente.” Além de

---

<sup>8</sup> Considera-se material autêntico todo aquele cujo *design* não foi concebido para práticas didáticas, como no caso das publicações em periódicos informativos e de entretenimento, obras literárias clássicas em línguas estrangeiras que não foram adaptadas de forma a atender um público com limitações de proficiência linguística, música, obras de arte e filmes ou programas de TV. Já o material didático compreende todo aquele que foi planejado e desenvolvido de forma a atender às necessidades pedagógicas, assumindo o escopo de exercícios aurais, de escrita, de leitura e fala. (RICHARDS, 2001).

possibilitar espaço para percepção da cultura do outro, como já mencionado, o ELE tem como cerne as perspectivas de experiências humanas e sociais. Ao encorajar o aluno a expandir sua visão de familiaridade sob diferentes ângulos, não considerando o comportamento humano de forma isolada, amplia-se seu conhecimento de mundo e nulifica o possível sentimento de soledade do ponto de vista cultural. (BYRAM, 1989)

Logo, o uso da canção **No Woman, No Cry** como material autêntico, definido por Jack C. Richards (2001) como materiais não desenvolvidos para práticas didáticas, mas que desempenham uma função determinante no ensino de línguas estrangeiras ao transpor limites culturais e tem como finalidade informar e ilustrar os mais variados aspectos culturais da Jamaica.

Ainda sobre o tema interculturalidade e ELE, o Conselho Britânico discursa da seguinte forma:

O aprendiz não adquire, simplesmente, duas formas distintas de agir e de se comunicar. O aprendiz de uma língua estrangeira se torna plurilíngue e desenvolve a interculturalidade. A competência linguística e cultural em cada uma das respectivas línguas é modificada pelo conhecimento do outro (*otherness*), contribuindo para o desenvolvimento intercultural, habilidades e *know-how*. Tudo isso faz com que o indivíduo enriqueça sua personalidade para aprender outras línguas adicionais, tornando-o mais predisposto a novas experiências culturais.<sup>9</sup> (Council of Europe 2001, p.43) (Tradução minha)

Ao alinhar práticas e crenças jamaicanas enunciadas na canção com a problemática exposta por Ofili em sua obra homônima, busca-se fomentar uma abordagem de ensino mais criativa, provocativa e envolvente, na qual o aluno perceba a oportunidade de perceber não apenas a cultura do outro, como também a sua própria cultura.

#### 4.1 *NO WOMAN, NO CRY* POR CHRIS OFILI

Em 22 de abril de 1993, um adolescente afrodescendente britânico de 18 anos chamado Stephen Lawrence, foi assassinado em Londres enquanto

---

<sup>9</sup> No original: “*The language learner becomes plurilingual and develops interculturality. The linguistic and cultural competences in respect of each language are modified by knowledge of the other and contribute to intercultural awareness, skills and know-how. They enable the individual to develop an enriched, more complex personality and an enhanced capacity for further language learning and greater openness to new cultural experiences.*” (Council of Europe 2001, p.43)

aguardava pelo ônibus. Seus assassinos, cinco policiais, todos eles caucasianos, não receberam nenhum tipo de repreensão à época do crime. Entretanto, em 2011, o caso foi reaberto e dois suspeitos foram condenados por assassinato motivado por racismo.

Profundamente sensibilizado pelo caso da família Lawrence, Ofili, um artista renomado de raízes nigerianas, porém cidadão britânico, pintou **No Woman, No Cry** (ver Anexo B) a fim de retratar não apenas o sofrimento de uma família/mulher enlutada como também transmitir uma mensagem de denúncia social através da dor da perda e melancolia estampados na obra. Conforme a curadora Judith Nesbitt (2010) da galeria de artes Tate Britain, mantenedora da obra, Ofili ficou intensamente impactado pelo silêncio arrebatador do luto da mãe de Stephen Lawrence, Doreen Lawrence, a qual mesmo após sucessivas entrevistas, mostrava-se cada vez mais resignada e fortalecida espiritualmente ao debater e denunciar com dignidade o caso de seu filho brutalmente assassinado.

A obra, pintada em 1998, foi feita durante um período que se inicia em 1996, o qual reflete uma mudança significativa de estilo do artista. Muito embora aclamado por questionar estereótipos raciais e sexuais de forma sarcástica, Ofili se distancia dessa vertente de humor ácido neste ínterim para denunciar, com seriedade, a mesma temática torpe, dando início a uma série de retratos de mulheres negras, em sofrimento, as suas “*afromusas*” (*afromuses*), como o próprio artista denomina.

Assim como a maioria dos artistas plásticos, Ofili utiliza cores para descrever o espírito de sua obra. Além dos materiais tradicionais de pintura como resinas e tintas a óleo, o artista se tornou muito conhecido por sua técnica nada ortodoxa: o uso de grandes peças de esterco de elefante na composição desta obra de 1,83 x 2,44 m – são três grandes peças, duas delas usadas como sustentação da pintura, e outra como uma espécie de broche, sustentado pelo colar da mulher que chora. A forma como a pintura é distribuída pela tela convida o expectador a focar sua atenção no rosto de seu filho morto e os seguintes dizeres, em tinta fluorescente: “Descanse em paz Stephen Lawrence 1974-1993”.

## 5. LEGADO LINGUÍSTICO CULTURAL JAMAICANO E BOB MARLEY

A variante jamaicana da língua inglesa é composta por uma mescla de inglês britânico, herdado como língua oficial do país enquanto colônia do Reino Unido, com a língua nativa, fundamentada na fala dos camponeses e trabalhadores braçais, totalmente distante do âmbito educacional e destoante do inglês britânico, considerado como referência linguística. O resultado foi um inglês crioulo, adquirido de forma incompleta durante os dias de escravidão, com uma forte fusão de nuances africanas, que persiste até os dias atuais sem mudanças significativas, denominado pela linguística como *Jamaicanismo*<sup>10</sup>.

Além da Língua Inglesa Crioula, a música também se configura como um elemento cultural jamaicano de notoriedade mundial, conforme Mordecai e Mordecai (2001) reiteram em ***Culture and Customs of Jamaica***, até mesmo aqueles que não conhecem sequer a localização geográfica da Jamaica, conhecem o reggae jamaicano popularizado por Bob Marley.

O gênero musical reggae é detentor de um registro tanto sócio-histórico quanto linguístico. Musicalmente, trata-se de um ritmo moderno, composto de elementos eletrônicos, urbanos, com influências afro-americanas e blues, além de letras sofridas carregadas de rebeldia, acidez, exortação e sentimento de adequação. Todos estes elementos reavivam os reflexos dos temas mais antigos da música jamaicana tradicional, profundamente firmada na experiência rural. Logo, culturalmente, o reggae resgata a escassa cultura de raízes africanas através de sua letra, repassando memórias e crenças adiante, já que muito pouco restou de herança material.

Efetivamente, as diferenças linguísticas do inglês jamaicano dificultaram a comunicação, até mesmo tornando-a perigosa em determinadas situações, como foi o caso das constantes brigas entre gangues de diferentes guetos. Nesta ocasião, a dificuldade em manter um padrão inteligível de

---

<sup>10</sup> No original: “*Between the standard English and the creolised English, there is an increasing inclusion of local elements of Jamaican rhythm and intonation, of words that a Londoner would have no reason or need to use or even know, of turns of phrase that have grown up in this island, what may be called ‘Jamaicanisms’.*” (CASSIDY, 2007).

“Entre o Inglês tido como padrão e o Inglês crioulo, há uma considerável inclusão de elementos locais de ritmo e entonação jamaicana, de palavras que para um Londrino jamais haveria necessidade ou razão para usá-las e até mesmo, várias delas nem mesmo conheceria. Estas expressões são familiares apenas a aqueles que cresceram na ilha (Jamaica), e que podem ser chamadas de ‘*Jamaicanismos*’” (CASSIDY, 2007, Tradução minha).

comunicação segregou ainda mais a cidade de Kingston. A harmonia só foi restabelecida, ainda que temporariamente, quando Marley realizou um grande concerto gratuito em 3 de dezembro de 1976, unindo gangues rivais em um só lugar para ouvir mensagens de amor, paz e união em suas canções.

Muitos aprenderam a falar um com o outro por intermédio da música: o trabalho e as condições de vida eram brutais, a música trazia suavidade; momentos de entretenimento eram escassos, a música era peça central para seu lazer. Definitivamente, a música exerce uma função orgânica tanto para a recreação quanto para a cultura jamaicanas.

## 6. EM TORNO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA

A proposta didática visa a contemplar as discussões em torno de gênero apresentadas neste artigo, dentro do universo de ensino de língua inglesa como língua estrangeira no ensino médio. Partindo da canção e obra homônimas *No Woman, No Cry*<sup>11</sup>, já mencionadas na introdução, propõe-se com essa escolha de material uma ruptura com o cânone literário. Zolin destaca em “Literatura de autoria feminina” que o cânone literário “sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta, portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos [...] das chamadas minorias” (2005, p. 275). Nesta perspectiva, a crítica feminista “se apresenta como possibilidade de desconstrução de leituras consagradas” (XAVIER, 1999, p. 16). Apesar de ambas as autoras discursarem em prol da literatura de autoria exclusivamente feminina, é importante esclarecer que este artigo apresenta como inspiração duas obras de autoria masculina, porém, contrárias ao arcabouço canônico por serem artistas negros, de classe social desprivilegiada, oprimidos pela colonização cultural ocidental e que dão voz à figura feminina contemporânea igualmente dominada pelos valores patriarcais. Nesse sentido, é possível no campo da crítica feminista ampliar o olhar quanto à representação da mulher que não esteja limitada à produção de autoria feminina.

Logo, ao trabalhar com uma canção que retrata a dor da mulher jamaicana e uma pintura que estampa o sofrimento de uma mãe negra enlutada, busca-se não apenas a ruptura com o canônico como também oferta ao aluno a oportunidade de refletir sobre a cultura do outro e como a identidade da mulher é construída nesse meio, proporcionando ao aluno do ensino médio, condições para que ele perceba de forma crítica e reaja a esses textos aural e imagético, compreendendo “que por trás deles há um sujeito, uma história, uma ideologia e valores particulares e próprios da comunidade em que está inserido” (DCE-LEM, Paraná, 2008, p. 66), reconstruindo sua própria identidade a partir do contato com a cultura do outro.

Ademais, ao optar por um material cuja variante linguística seja o inglês jamaicano, no caso da canção, e que seja pictórico ao invés de escrito, como no caso da pintura, evidencia-se uma fuga do óbvio, denotando leveza e frescor às

---

<sup>11</sup> Letra da música e pintura em anexo.

aulas de LE, buscando manter o interesse do aluno no estudo da língua enquanto cultura.

No próximo ponto dessa seção, será feita uma breve descrição da proposta didática, que se encontra disponível na íntegra ao final deste trabalho como APÊNDICE A. Conjuntamente, será detalhada de forma mais acurada sua última parte, por se tratar de uma atividade de fechamento e debate das questões levantadas por este artigo.

### 6.1 *NO WOMAN, NO CRY – BUT WHY DOES SHE CRY?*

A proposta didática elaborada no desenvolvimento deste artigo visa a atender os alunos do Ensino Médio e seus professores, podendo ser aplicada em um bimestre, intercalando com o conteúdo programático da escola atuante. Entretanto, pode ser adaptada a outras realidades de ensino, como instituto de línguas e programas de natureza interdisciplinar. Para atender a essa flexibilidade, esta proposta foi subdividida em três frentes – a primeira relacionada à perspectiva de gênero, feminismo e mulher; a segunda relacionada à pintura, a terceira à canção e a última ao mito de Penélope. Apesar desta divisão, é importante salientar que todas as partes se complementam e são interdependentes.

O objetivo central do conjunto de atividades propostas é o de expor os alunos às questões de gênero através de expressões artísticas, – pintura e música –, dando-lhes a oportunidade de refletir e compartilhar experiências e questionamentos com os colegas, usando a língua inglesa como um instrumento enriquecedor, fomentando sua percepção intercultural.

Destarte, no decorrer da proposta didática, será apresentada a tela *No Woman, No Cry* (OFILI), bem como a canção homônima de autoria de Bob Marley, instigando a associação entre ambos e sensibilizando os alunos com questões inerentes ao papel da mulher em sociedades que não a brasileira, correlacionando o tema central das duas obras com a temática feminista e questões de gênero. Neste sentido, a imagem da mulher que chora de Ofili servirá de subsídio para o levantamento de questões acerca dos direitos das mulheres, dos homens e das minorias sociais.

Acompanhando a mesma linha didática, a canção *No Woman, No Cry* (MARLEY & V. FORD) será trabalhada de forma a estimular o pensamento

crítico e florescimento intercultural, incentivando os alunos a debaterem temas centrais da obra como a realidade socioeconômica da Jamaica e fatores culturais, além da mulher que chora a espera, uma evidente associação ao mito de Penélope<sup>12</sup>. Igualmente, serão trabalhados aspectos biográficos do compositor Bob Marley através de textos adaptados e exercícios de perguntas e respostas, bem como aspectos lexicais da canção, como os *Jamaicanismos*.

As atividades propostas se apresentam nas seguintes variedades:

- Introdução e sistematização dos componentes lexicais pertinentes à discussão do tema em LE.
- Debate de questões que remetem à temática identidade de gênero com foco na mulher, através do uso de vídeos como material autêntico. Como sugerido por Goldenstein (2014), o uso de vídeo no ELE serve de incentivo para a prática de compreensão aural, além de fomento para discussões acerca de determinado assunto, integrando e desenvolvendo todas as quatro habilidades: fala escrita, compreensão aural e até mesmo a escrita. Além do mais, ao expor o aluno à língua estrangeira em sua forma original através do material autêntico, cria-se uma experiência de aprendizagem muito mais motivadora do que se o aluno estivesse simplesmente lendo um texto escrito e respondendo questões elementares de compreensão textual (ISLAM & MARES apud TOMLINSON, 2003), uma vez que a autenticidade é uma indulgência em si mesma posto que haja o fator satisfação pessoal em entender algo na sua língua original, sem modificações (SHERMAN, 2003).
- Observação da obra pictórica sucedida de discussão dos elementos que a compõem e personificação da temática em torno da obra, como a dor da saudade, violência urbana, preconceito racial e condição da mulher na nossa sociedade e na sociedade do outro.
- Análise do título atribuído à pintura e sua correlação com o título da canção homônima de Bob Marley

---

<sup>12</sup> Filha do rei Ícaro de Esparta, a qual é retratada como uma mulher de beleza frondosa, índole inabalável e conduta justa. Durante vinte anos, esperou fielmente seu marido Ulisses regressar da guerra de Troia. (DIXON-KENNEDY, 1998)

- Estudo dos dados técnicos e elementos físicos de composição da tela, destacando algumas particularidades, como o uso de estreme de elefante em sua elaboração.
- Leitura e exercícios de compreensão textual de materiais autênticos de natureza biográfica, tanto sobre o artista plástico Ofili, como também sobre o cantor e compositor Marley.
- Trabalho sistemático da letra da música *No Woman, No Cry*, abrangendo:
  - Aspectos lexicais específicos, os chamados *jamaicanismos*;
  - Questões socioculturais da Jamaica;
  - A condição da mulher em contexto do cotidiano;
  - Correlação com o Mito de Penélope.
- Análise da temática apresentada pela canção, fomentando a discussão de aspectos interculturais e questões de gênero, gerando personificação ao incentivar a troca de opiniões e experiências entre os alunos.
- Organização e desenvolvimento de um painel expositivo, fazendo uso de recursos imagéticos e elementos textuais, de forma a trazer para fora da sala de aula os temas discutidos durante os encontros.
- Discussão de encerramento da proposta didática com a finalidade de promover o efeito retroativo<sup>13</sup> entre alunos e professor.

É importante enfatizar que o uso da língua materna (LM) no decorrer da proposta didática será permitido à luz das **Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio** (DCNEM), nas quais é conceituada como “geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade” (BRASIL, 1998). DCNEM ainda reitera que a(s) Língua(s) Estrangeira(s) Moderna(s) devem ser reconhecidas e usadas “como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais” (BRASIL, 1998). Notoriamente, Pulverness se posiciona a favor do uso da língua materna nas aulas de língua estrangeira ao postular que:

---

<sup>13</sup> Também denominado efeito *Washback*, consiste em uma análise do conteúdo trabalhado e até mesmo do teste de verificação aplicado, de forma a resgatar os benefícios e até mesmo as falhas tanto no processo de aprendizagem e também na escolha e desenvolvimento do instrumento de avaliação. (BROWN, 2000)

A língua não pode ser percebida como simplesmente um veículo de transmissão de significados culturais – a cultura está contida na língua de forma indissociável. Em muitos casos, a língua é a própria cultura, ou pelo menos uma das representações de mais expressão dentro de uma cultura. Portanto, se aceitamos a proposição de que determinada cultura à qual um aluno pertence deveria ocupar o centro do aprendizado cultural, então parece ser axiomático que a parte em que se trata de sua cultura natal deva transcorrer, natural e apropriadamente, na própria língua do aluno<sup>14</sup>. (PULVERNESS, 2004, tradução minha)

Logo, ao conduzir as discussões das atividades propostas desta forma, alternando entre o uso de LM e LE, cria-se um ambiente em que todos possam participar independentemente de seu nível de proficiência linguística de LE, considerando-se como objetivo principal o favorecimento de reflexões de cunho sociocultural.

## 6.2 DISCUSSÃO DE ENCERRAMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA

Este é o momento crucial da proposta didática. Não por se tratar do encerramento, e sim por abarcar questões que constituem o cerne deste artigo. Neste estágio final, os alunos serão instigados a debater e refletir sobre os itens seguintes:

1. Pontos positivos e negativos da prática em sala de aula através das questões “qual ou quais atividades você mais gostou? Aprofunde-se” e “Qual ou quais atividades você não gostou? Aprofunde-se”. O objetivo dessas questões é o de auxiliar em possíveis ajustes para o uso futuro desta mesma proposta didática, promovendo uma autoavaliação.
2. Resgate do conhecimento adquirido e trabalhado sobre a Jamaica e suas questões socioculturais, além de correlacionar o diálogo intercultural por intermédio das questões “O quê você conhecia sobre a Jamaica antes dessas atividades? Mudou alguma coisa?” e “Você acha que a realidade

---

<sup>14</sup> No original: *Language is not simply a vehicle for conveying cultural meaning - cultural meaning is deeply embedded in language. In many cases, the language is the culture, or at least one of the most highly articulated representations of the culture. Therefore, if we accept the proposition that students' own culture should occupy a central place in cultural learning, then it seems axiomatic that some of the treatment of this 'home' culture will quite naturally - and appropriately - be in the students' own language.* (PULVERNESS, 2004)

brasileira é parecida com a da Jamaica? Aprofunde-se”. Faz-se indispensável ressaltar que “A percepção da sua própria língua e cultura através de uma língua estrangeira provoca o sentimento de alteridade (*otherness*) de uma cultura (ex)cêntrica.” (PULVERNESS, 2004, tradução minha). Neste momento, os alunos são confrontados com a Língua do outro, bem como a sua própria cultura, sua forma de pensar e de lidar com o mundo. (BYRAM, 1989)

3. Retomada da discussão sobre o mito de Penélope, trazendo-a à luz das questões de gênero por meio das perguntas “Você concorda que o mito de Penélope é vivido por outras mulheres? Quais? Você acha que a mesma situação pode ser vivida por homens também? Aprofunde-se”. Estas perguntas tem o intuito de provocar um debate sobre o machismo e seus chavões como “homem não chora” e “mulher, sexo frágil”.
4. Sondagem das percepções sobre o Feminismo, bem como a compreensão do seu princípio de igualdade social com as questões “Você já tinha ouvido falar sobre Feminismo? O que era Feminismo para você antes destas aulas?” e “Você acha que Feminismo é o oposto de machismo?”. Visto que foi trabalhado dentro da proposta didática a conceituação de Feminismo e suas matizes de forma clara e franca, sua tônica permeia todas as discussões propostas. Explicitamente, a retomada deste assunto prima por provocar o aluno e fazer com este tenha interesse em se aprofundar sobre o tema, dentro ou fora dos limites físicos da escola. Além disso, busca-se quebrar alguns pré-conceitos há muito tempo arraigados em meio aos populares, como “Feminismo é coisa de sapatão”, “Feminismo é coisa pra mulher feia”, “Feministas não podem depilar as axilas”, e mais outras considerações que de certa forma servem de impeditivo e constroem uma ideia pejorativa com relação ao Movimento Feminista. Ademais, torna-se inevitável trazer esta questão à arena da discussão por se tratar de uma proposta didática focada na temática mulher, cuja difusão do debate acerca de seus direitos e manifestações públicas, clamando por relações equânimes sob o viés social, é cada vez mais pulsante e impossível de ser ignorada.
5. Revisita às construções em torno dos papéis sociais e às questões de gênero com a pergunta “Você concorda que apenas a mulher pode sofrer

e chorar?”. A intenção é a de tornar claro que a máxima “coisas de homem/coisas de mulher” não representa um padrão imutável.

6. Apesar de estar subdividida em quatro frentes – a primeira relacionada com a temática mulher e a respeito das construções de gênero, a segunda em torno do pictórico, a terceira sobre a canção e a quarta sobre o mito de Penélope, todas as partes se complementam e são interdependentes.
7. Percepção do aprendizado e crescimento pessoal e intercultural por intermédio das perguntas “Antes dessas atividades, qual era a sua visão sobre a mulher?” e “Qual ou quais lições você levará para fora da sala de aula?”. Esta pergunta retrata o grande pilar deste artigo: a consolidação de ideias e entendimento que irão influenciar diretamente a sociedade além dos muros da escola.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escolha de material para a estruturação da proposta didática *No Woman, No Cry*, assumiu-se o compromisso de reexaminar textos de relevância para o entendimento acerca da abordagem intercultural de ELE, Feminismo e a perspectiva de gênero, bem como sua aplicabilidade no âmbito escolar, de forma a promover discussões e reflexões que reflitam uma experiência de ensino de LE que vá além dos limites da sala de aula.

O produto final deste artigo tem como objetivo servir não apenas de contribuição ao MEPLEM, como também servir a todos os acadêmicos que estejam interessados em trabalhar o ensino de LI com um enfoque intercultural sobre a construção da identidade da mulher e seus papéis sociais. Desta forma, a prática de língua estrangeira deixa de considerar apenas o ensino da língua pela língua, para se tornar uma intervenção em prol da cidadania e luta pelas relações sociais equânimes entre homens e mulheres.

Para tanto, este artigo apresenta uma proposta didática formulada a partir da inquietação sobre o que tem sido feito para conscientizar os jovens, mais especificamente aqueles inseridos no contexto do ensino médio, sobre esta problemática cuja discussão ocupa lugar de destaque nos dias de hoje. Nesse sentido, esta proposta contempla atividades elaboradas em torno de assuntos como Feminismo, construção da identidade, representações sociais e interculturalidade. Atendendo às devidas finalidades, tais atividades se apresentam no formato sequencial e divididas em quatro grandes frentes, de modo a oferecer flexibilidade ao docente para que este possa dar continuidade ao conteúdo programático já pré-estabelecido no início do ano letivo.

Acredita-se que o diferencial desta proposta didática se dá na ruptura com o canônico, tanto pelo uso da Arte como recurso pedagógico quanto por meio dos conteúdos abordados nas atividades. Através da exposição do aluno à uma pintura e à uma música originais, ambas de chamamento e denúncia de cunho social, busca-se encorajar um olhar mais crítico e expansão da visão de mundo dos estudantes. Além destas ferramentas, há também o emprego de minivídeos e ilustrações como materiais autênticos, oportunizando aos alunos o contato direto com a cultura do outro, livre da visão estereotipada que a maioria dos materiais didáticos oferece.

Em vista disso, o professor encontrará neste material os subsídios necessários para a discussão sobre gênero, na temática mulher, através de uma variante igualmente marginalizada da língua Inglesa, o inglês jamaicano.

Não obstante, o produto final deste artigo, além de reflexões, é uma contribuição para prática de atividades e desenvolvimento de projetos mais complexos sobre o tema, que envolvam disciplinas variadas e que se estendam por um período mais longo que um bimestre. Assim sendo, esta proposta pode se tornar um projeto de natureza interdisciplinar e que atenda o ensino fundamental I e II, indo além do ensino médio. Todas essas são práticas a serem pensadas e desenvolvidas a partir das ideias apresentadas aqui neste trabalho.

Buscou-se, portanto, ao longo deste processo, manter o foco em um único objetivo: alçar o lado de fora dos muros das escolas e intimar a sociedade a quebrar paradigmas e reavaliar suas concepções, fazendo da Educação prática da liberdade posto que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 1967).

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIO. **Bob Marley Biography**. Disponível em: <<http://bit.ly/1H0f7j2>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **7 Fascinating Facts About Bob Marley**. Disponível em: <<http://bit.ly/1zWSHwe>>. Acesso em: 3 de setembro de 2016.

BLOG. **Mulheres da UNE**. Disponível em:<<http://bit.ly/2IZIUSI>>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.

BRASIL. Cidadania e Justiça. **Programa Nacional de Políticas para as Mulheres**. Disponível em:<<http://bit.ly/2IUe5iz>>. Acesso em: 3 de novembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais do ensino médio**. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998. Brasília. MEC, 1998

\_\_\_\_\_. Medida Provisória 696/2015. **Câmara aprova MP 696 com trechos contrários ao público gay e ao aborto**. Disponível em:<<http://bit.ly/2IRixlm>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. **Nota do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos: Votação da Medida Provisória 696/15**. Disponível em:< <http://bit.ly/1Ww7DJK>>. Acesso em: 13 de outubro de 2016.

BRANAMAN, Ann. Feminism and Identity In. **Routledge Handbook of Identity Studies**. Anthony Elliott (org.) New York, 2014

BROWN, H. Douglas. **Principles of Learning and Teaching**. Longman, 2000.

BYRAM, M. **Cultural Studies in Foreign Language Education**. Multilingual Matters LTD, England, 1989.

\_\_\_\_\_. **Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence**. Multilingual Matters LTDA, England, 1997.

CARTOON STOCK. **Penelope Cartoons and Comics**. Disponível em: <<http://bit.ly/2klhjVs>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

CASSIDY, Frederic G. **Jamaica Talk: Three hundred years of English Language in Jamaica**. University of West Indies Press, Jamaica, 2007.

CFEMEA. **O que é a Universidade Livre Feminista?** Disponível em: <<http://bit.ly/2lo06UL>>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

CLEO. **Feminism is the unfinished revolution**. The Gender Blog, 13 de março de 2011. Disponível em <<http://bit.ly/2IVNmpa>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

COUNCIL OF EUROPE. **Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2001.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, Feminismos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(N.E.): 23-36, set-dez, 2004.

DICIONÁRIO **Cambridge Online**. Cambridge University Press, Cambridge, UK. Disponível em: <<http://bit.ly/JSV903>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

DIXON-KENNEDY, Mike. **Encyclopedia of Greco-Roman Mythology**. ABC-CLIO Inc., Santa Barbara - CA, USA, 1998.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michèle. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales (Orgs.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. **Travessia: Revista do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC, Florianópolis, 2º semestre de 1990. p.15-23.**

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **A importância da explicitação de matizes culturais particulares no ensino de língua estrangeira.** *Signum*, v.2, p. 139 – 154, 1999.

FACEBOOK. **CFEMEA Feminista.** Disponível em: <<http://bit.ly/2kEbXJZ>>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Coletivo de Mulheres PUC-Rio.** Disponível em: <<http://bit.ly/1PZmkVo>> . Acesso em: 15 de setembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Frente Feminista DCE Livre da USP.** Disponível em: <<http://bit.ly/2IU6fFD>>. Acesso em: 2 de outubro de 2016.

FACEBOOK. **Marias Baderna - Coletivo Feminista Letras.** Disponível em: <<http://bit.ly/2lnODVj>>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Mietta Santiago - Coletivo de Mulheres do Direito – UEL.** Disponível em: <<http://bit.ly/2lpBgna>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Mulheres da UNE.** Disponível em: <<http://bit.ly/1Rks6l4>>. Acesso em: 10 de setembro de 2016.

FEMINISM. **A belief in the social, political, and economic equality of the sexes.** Disponível em: <<http://bit.ly/2IRSLcE>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

FERREIRA, Cláudia Cristina. (Inter)Culturalidade em prol da competência comunicativa na aula de línguas estrangeiras ou línguas adicionais. In: FERREIRA, Cláudia Cristina; LOPES, Silvana Salino Ramos; REIS, Marta Aparecida de Oliveira Balbino dos; NOGUEIRA, Sônia Regina (Orgs). **Tessituras teórico-metodológicas sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: Conjugação entre saberes e fazeres.** Londrina: UEL, 2012. P. 49 – 72.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

GAY, Roxane. **Confissões de uma feminista ruim** [Arquivo de vídeo online]. In TED Talks, maio de 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2kWxVLF>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

GERARD-SHARP, Lisa. **Ideas & Issues.** Chancerel, London, England, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENSTEIN, B. **A History of Video in ELT**. Teaching English, British Council, January 2014.

GRUNDY, Peter; BOCIEK, Hania; PARKER, Kevin. **English through ART**. Hebling Languages, Reino Unido, 2011.

HENRY, James. **White Feminism Is RACIST?** Funny When Liberals Eat Their Own. UFP NEWS, California, USA. Disponível em <<http://bit.ly/2l6A3yZ>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

ISLAM, C. & MARES, C. Adapting classroom materials. In Tomlinson, B. (Ed.) **Developing Materials for Language Teaching**. Continuum, London, England, 2003.

KOBASHIGAWA, A.H.; et al. **Estação ciência**: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental. In: IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica. São Paulo, 2008. p. 212-217. Disponível em: <<http://bit.ly/2lpOqjV>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2017.

KRAMSCH, Claire. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford University Press, 2004.

LEWIN, Oliver. **Rock it come over**: The folk music of Jamaica. The University of the West Indies Press, Jamaica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. E. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MARLEY, Bob. **The Wailers Natty Dread**. [CD- music]. Produced by Chris Blackwell, Owned by Island Records Ltd. Made in Japan, 1974. 1cd / .color.

MARLEY, Rita; JONES, Hettie. **No Woman No Cry**: My Life with Bob Marley. Editora Hyperion, New York, 2004.

MATOSO, Filipe. Ministério anuncia Flávia Piovesan para Secretária de Direitos Humanos. **Globo**. 17/05/2016. Disponível em: <<http://glo.bo/2lnR7mC>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.

MITOLOGIA GREGA. **Penélope, o amor que não se cansa de esperar**. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2lnGksw>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2017.

MOI, Toril. Feminist, Female, Feminine. In: BELSEY, Catherine; MOORE, Jane (Eds.). **The Feminist Reader: Essays in Gender and the Politics of Literature Criticism**. New York: Brasil Blackwell, 1989. p. 117-132.

MORDECAI, Martin; MORDECAI, Pamela. **Culture and Customs of Jamaica**. Greenwood Press, Londres, 2001.

MYTHS ENCYCLOPEDIA. **Penelope**. Disponível em: < <http://bit.ly/2IZCUJ8> >. Acesso em: 3 de janeiro de 2017.

NESBITT, Judith. **Beginnings**. Tate Britain Publishing, 2010, p. 16.

\_\_\_\_\_. **Chris Ofili**. Tate Britain Publishing, 2010, p. 86.

OFILI, Chris. **No Woman, No Cry**. 1998. Disponível em < <http://bit.ly/2lpEYgw> >. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Língua Estrangeira Moderna**. Curitiba, SEED-PR, 2008.

POOKE, Grant. **Contemporary British Art: An Introduction**. Routledge, 2011.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Tela de Penélope**. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2kzpAza>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2017.

PULVERNESS, A. Here and there: issues in materials development for intercultural learning. **Culture in ELT Seminar – Intercultural Materials in the Classroom and on the Web**. British Council, UK, January, 2004.

RICHARDS, Jack C. **Curriculum Development in Language Teaching**. Cambridge University Press, UK, 2001.

SEQUÊNCIA. In HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999, p.1840.

SILVA, Vanessa Martina. **7 curiosidades sobre Bob Marley**, maior expoente de Reggae no mundo. Pragmatismo Político, São Paulo, 06 de fevereiro de 2015. Disponível em <<http://bit.ly/2lY88RL>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

SHERMAN, J. **Using Authentic Video in the Language Classroom**. United Kingdom, Cambridge University Press, 2003.

TRIGUEIROS, Marian. Movimento feminista ganhou força em Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, 24 nov. 2014. Disponível em <<http://bit.ly/2kJTBaA>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.

XAVIER, Elódia. Para além do Cânone. In: **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Christina Ramalho. (Org.). Rio de Janeiro: Elo, 1999.

YOUTUBE. **Funny Brazilian Ad - Dove Men + Care** [EN subtitles], 20 de março de 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/20LfvO0>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **If men were women**, 17 de julho de 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/1jUUigc>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

WHITE, Timothy. **Catch a Fire**: the life of Bob Marley. Omnibus Press, London, UK 2010.

WIKIART. **Chris Ofili**. Disponível em <<http://bit.ly/2ljo9lw>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(Org.) **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Proposta didática  
*NO WOMAN, NO CRY – BUT WHY DOES SHE CRY?*

**Público alvo:** Esta proposta didática foi elaborada para atender os alunos do Ensino Médio e seus professores. Entretanto, pode ser adaptada a outras realidades de ensino, como instituto de idiomas e programas de natureza interdisciplinar.

**Duração:** Pode ser aplicada em um bimestre, intercalando com o conteúdo programático da escola atuante. Apesar de estar subdividida em quatro frentes – a primeira sobre a problemática acerca da construção de gênero como foco na temática mulher, a segunda relacionada à pintura, a terceira à canção, e a última ao mito de Penélope, todas as partes se complementam e são interdependentes.

**Objetivo:** Expor os alunos às questões de gênero por intermédio de expressões artísticas, –pintura e música –, além de dar-lhes a oportunidade de refletir e compartilhar experiências e questionamentos com os colegas, usando a língua inglesa como um instrumento enriquecedor, fomentando sua percepção intercultural.

**Nesta proposta didática, o professor deverá:**

1. Introduzir e trabalhar com léxico pertinente à discussão do tema em LE.
2. Trabalhar com questões que remetam à temática identidade de gênero com foco na mulher.
3. Apresentar a canção *No Woman, No Cry* aos alunos e instigá-los a identificar sua autoria e debater temas centrais da mesma, dentre eles o mito de Penélope que transparece nesta obra; a questão econômica que mantém as personagens apresentadas na letra às margens da sociedade; a felicidade apesar do sofrimento, além de fatores culturais da Jamaica.
4. Contrapor duas expressões de arte, sendo uma delas a canção *NO WOMAN, NO CRY* – (MARLEY & V. FORD) e a outra a pintura *NO WOMAN, NO CRY* (OFILI), de forma que os alunos sejam motivados a fazerem associações entre ambas.
5. A partir do título da música, propor aos alunos uma discussão sobre o que ela possa significar e levantar questionamentos sobre sua letra.
6. Solicitar que todos ouçam a música com atenção.
7. Organizar um roteiro para que os alunos pesquisem sobre a Jamaica e façam uma relação com a música.

8. Trabalhar aspectos biográficos do compositor Bob Marley através de textos adaptados e exercícios de perguntas e respostas.
9. Trabalhar aspectos lexicais da canção, como os *Jamaicanismos*.
10. Correlacionar o tema central da canção com a temática feminista e questões de gênero.
11. Apresentar a pintura e fomentar a reflexão em sala de aula sobre esta obra e sua representação sensorial.
12. Discutir sobre a pintura levantando questionamentos acerca dos direitos das mulheres, dos homens e das minorias sociais.
13. Conferir juntamente com o aluno o resultado de cada fase da proposta didática por meio da sessão “verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento”, de forma a permitir ao aluno que o mesmo visualize os ganhos e inquietações com o evoluir das atividades propostas.

#### **A. Série didática 1: Identidade, Sexualidade e Feminismo**

ATIVIDADE 1 – INVESTIGANDO PERCEPÇÕES

RESPONDA DE FORMA FRANCA: O QUE É FEMINISMO PARA VOCÊ?

**Duração:** 30 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Lousa, giz, um projetor de imagens, papel e caneta.

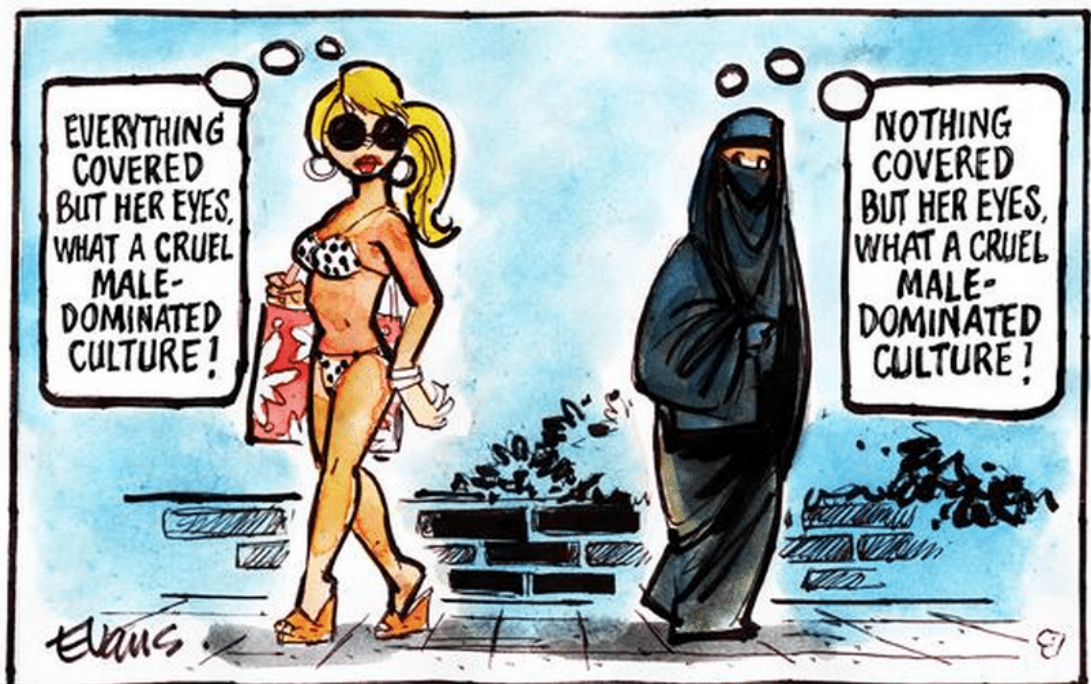
**Produção esperada:** Espera-se que os alunos respondam de forma franca sobre o que sabem / pensam sobre o Feminismo ao serem expostos a um controverso quadrinho sobre o uso do *bikini* e da *burka*. Neste momento o professor lança a seguinte pergunta: Como você define o Feminismo? (*What's your definition for Feminism?*). No segundo momento, o aluno terá acesso a uma outra ilustração que retrata os princípios do Feminismo para que assim, examinando o material visual e contrastando com suas falas do momento anterior, possam inferir o quão congruentes são suas visões e o real sentido da expressão [Feminismo], respondendo às perguntas “O quão próxima está a sua definição de Feminismo do seu sentido real? (*How close is your definition of Feminism to its real meaning?*) e “O quê você sabe sobre o tema igualdade de gênero?” (*What do you know about gender equality?*).

**Possíveis assuntos a serem abordados:** diferença salarial entre homens e mulheres, a forma de se vestir, violência contra a mulher, machismo, mulher machista, machismo *versus* Feminismo.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Pedir aos grupos para que pontuem os temas discutidos, em uma roda aberta para todos. Ao final das discussões, mostrar aos alunos uma imagem com a definição de Feminismo e ideias relacionadas ao assunto, para que desta forma os alunos possam perceber se há ou não pontos em comum entre suas inferências. Espera-se, dessa forma, que eles observem os diferentes conceitos que podem ser suscitados pela concepção em torno da palavra feminismo. Além disso, trata-se de uma boa oportunidade para investigar o que os alunos sabem sobre a igualdade de gênero. É interessante recolher o material obtido nesta aula para uso futuro.

#### Activity 1

A. Look at the picture<sup>15</sup> and answer the question below, candidly:



Picture available in: <http://bit.ly/2l6A3yZ>

Retrieved on February 16<sup>th</sup>, 2017.

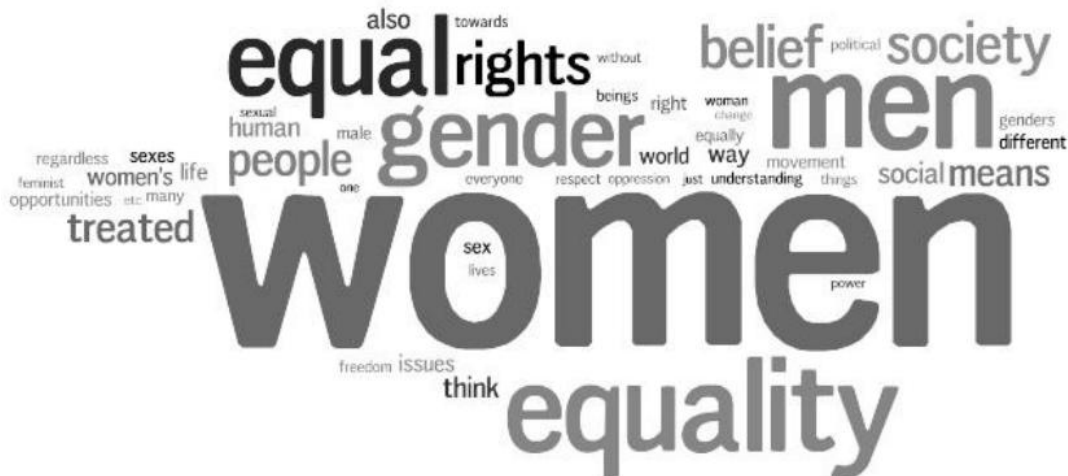
What's your definition for Feminism?

<sup>15</sup> Garota de *Bikini*: "Tudo coberto, exceto os seus olhos. Que cultura machista cruel!"  
Garota de *Burka*: "Nada coberto, exceto os seus olhos. Que cultura machista cruel!" (Tradução minha)

## Activity 1

B. Look at the picture below and answer:

**Feminism** Noun \ fem-i-nizm  
**A BELIEF IN THE SOCIAL, POLITICAL, AND  
 ECONOMIC EQUALITY OF THE SEXES**



Images available in: <http://bit.ly/2IRSLcE> and <http://bit.ly/2IVNmpa>  
 Retrieved on February 15<sup>th</sup>, 2017.

How close is your definition of Feminism to its real meaning?

What do you know about gender equality?

ATIVIDADE 2 – APRESENTAÇÃO E AMPLIAÇÃO LEXICAL

RELACIONE AS SEGUINTE EXPRESSÕES COM SUAS DEFINIÇÕES<sup>16</sup>.

**Duração:** 30 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Uma cópia da atividade para cada aluno (Versão do aluno disponível no Apêndice C).

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos consigam relacionar as seguintes expressões e suas definições fazendo uso de dicionários e também com o auxílio do

<sup>16</sup> Todos os verbetes foram consultados no dicionário de inglês *Cambridge Dictionary* em sua versão online, disponível em <http://dictionary.cambridge.org/>.

professor. Este exercício tem por objetivo ampliar o repertório lexical do aluno para que este possa ter mais liberdade e confiança para discutir em LI os temas propostos nas próximas atividades.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** No decorrer da atividade, há a possibilidade dos alunos se expressarem surpresos com algumas definições como sexo, machismo (*sexism*) e discriminação positiva.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Correção em grupo, de forma que todos possam se expressar sobre possíveis surpresas e descobertas que julgam interessantes.

MATCH THE FOLLOWING EXPRESSIONS WITH THEIR DEFINITIONS	
EXPRESSIONS	DEFINITIONS
<b>A</b> <b>Sexism</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /'sek.sɪ.zəm/ <b>US</b> /'sek.sɪ.zəm/ DISAPPROVING	the physical and/or social condition of being male or female: <b>(C)</b> <i>Does this test show the ----- of the baby?</i>
<b>B</b> <b>Misogyny</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /mɪ'sɒdʒ.ən.i/ <b>US</b> /mɪ'sɑː.dʒən.i/	a person's feeling of having a particular gender: <b>(F)</b> <i>For these young people, their ----- are fluid and have nothing to do with sexual preference.</i>
<b>C</b> <b>Gender</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /'dʒen.də-/ <b>US</b> /'dʒen.də-/	by its nature, embraces the belief that all people are entitled to freedom and liberty within reason—including equal civil rights—regardless of their gender, sexual orientation, skin color, ethnicity, religion, culture, or lifestyle. <b>(H)</b>
<b>D</b> <b>Sex</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /seks/ <b>US</b> /seks/	a strong feeling among a group of people in reaction to a change or recent events in society or politics. <b>(J)</b>
<b>E</b> <b>Gender bias</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /'dʒen.dər 'baɪ.əs/ <b>US</b> /'dʒen.də 'baɪ.əs/	(actions based on) the belief that the members of one sex are less intelligent, able, skilful, etc. than the members of the other sex, especially that women are less able than men: <b>(A)</b> <i>The university has been accused of ----- because it has so few women professors.</i>
<b>F</b> <b>Gender identity</b> <i>noun</i> [C or U] <b>UK</b> /'dʒen.dər aɪ.den.tə.ti/ <b>US</b> /'dʒen.də aɪ.den.tə.ti/	the act of giving advantage to those groups in society that are often treated unfairly because of their race, sex, etc. <b>(I)</b>
<b>G</b> <b>Identity</b> <i>noun</i> [C or U] <b>UK</b> /aɪ'den.tə.ti/ <b>US</b> /aɪ'den.tə.ti/	the fact of someone preferring to have sexual relationships either with men, or with women, or with both. <b>(L)</b>
<b>H</b> <b>Feminism</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /'fem.ɪ.nɪ.zəm/ <b>US</b> /'fem.ə.nɪ.zəm/	unfair difference in the way women and men are treated: <b>(K)</b> <i>She said that she has not experienced ----- in the medical profession.</i>

		<b>(E)</b>
<b>I</b> <b>Positive discrimination</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /,pɒz.ə.tɪv dɪ.skɪm.ɪ'neɪ.ʃən/ <b>US</b> /,pɑː.zə.tɪv dɪ.skɪm.ɪ'neɪ.ʃən/	<b>someone's ability to experience or express sexual feelings.</b>	<b>(K)</b>
<b>J</b> <b>Backlash</b> <i>noun</i> [C] <b>UK</b> /'bæk.læʃ/ <b>US</b> /'bæk.læʃ/	<b>the state of being either male or female:</b> <i>She accused her employer of ----- discrimination (= of treating her unfairly because she was a woman).</i>	<b>(D)</b>
<b>K</b> <b>Sexuality</b> <i>noun</i> [U] <b>UK</b> /,sek.sju'æl.ə.ti/ <b>US</b> /,sek.sju'æl.ə.ti/	<b>feelings of hating women, or the belief that men are much better than women.</b>	<b>(B)</b>
<b>L</b> <b>Sexual orientation</b> <i>noun</i> [U or C] <b>UK</b> /,sek.sjuəl ɔː.rɪ.en'teɪ.ʃən/ <b>US</b> /,sek.sjuəl ɔːr.i.en'teɪ.ʃən/	<b>who a person is, or the qualities of a person or group that make them different from others.</b>	<b>(G)</b>

### ATIVIDADE 3 – DISCUSSÃO: HOMEM? MULHER? OU AMBOS?

O QUÊ VOCÊ ACHA DESSAS AFIRMAÇÕES? CONCORDA? DISCORDA? DISCUTA EM GRUPOS.

**Duração:** 40 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Uma cópia da atividade para cada grupo de alunos.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos consigam debater sobre as afirmações propostas expressando suas opiniões e fazendo uso das expressões apresentadas na atividade anterior.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Feminismo *versus* machismo.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Discussão aberta, conduzida pelo professor, mediando a participação de todos.

Atividade 3: O quê você acha dessas opiniões sobre a mulher? Converse com o seu grupo.

“Os homens sofrem o mesmo tanto que a mulheres com relação aos papéis que desempenham dentro da perspectiva de gênero.”

*Nigella Lawson, jornalista*

“Permitir que uma mulher tenha acesso à educação, é o mesmo que dar uma

“faca a um macaco.”

*Antigo provérbio Hindu*

“Um sexo nunca vai entender emocionalmente o outro.”

*Robin Skinner, psicólogo*

“Se a civilização humana tivesse sido deixada nas mãos das mulheres, nós ainda estaríamos vivendo em cabanas feitas de grama seca.”

*Camille Paglia, acadêmica que acredita fundamentalmente na diferença entre os sexos*

“Você sabe por quê Deus criou a mulher? Porque ovelhas não sabem digitar.”

*Ken Ambrister, ex-Governador do estado do Texas, EUA.*

*Quotes from Ideas & Issues, p. 23, 1994.*

Activity 3: What’s your opinion about the following quotes? Discuss with your group.

“Men suffer just as much from gender roles as women”

*Nigella Lawson, female journalist*

“Educating a woman is like handing a knife to a monkey.”

*Ancient Hindu proverb*

“One sex can never understand the other in an emotional sense.”

*Robin Skinner, male psychologist*

“If civilisation had been left in female hands, we would still be living in Grass huts.”

*Camille Paglia, female academic who believes the sexes are fundamentally different*

“Do you know why God created women? Because sheep can’t type.”

*Ken Ambrister, former Texas State Senator*

*Quotes from Ideas & Issues, p. 23, 1994.*

#### ATIVIDADE 4 – FEMINISMO PRA QUÊ?

##### DISCUSSÃO: POR QUE PRECISAMOS DO FEMINISMO?

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** inicialmente, grupos de 3 a 5 alunos. Num segundo momento, a turma será dividida em dois grupos.

**Material necessário:** Computadores com acesso ao *YouTube* e à plataforma *TED Talks*.

**Produção esperada:** No primeiro momento desta atividade, os alunos assistirão a dois vídeos de curta duração sobre a inversão de papéis entre o homem e a mulher. O primeiro vídeo sugerido é a propaganda da linha de xampu masculino da marca Dove (*Dove men care*), o qual traz um homem afluando o seu lado feminino com o uso de “xampu de mulher”. É um minivídeo brasileiro, porém conta com legendas em inglês. Isso o torna mais interessante por ser inusitado ao aluno apreciar sua língua materna sendo traduzida para uma língua estrangeira. Já o segundo vídeo traz alguns esquetes sobre como seria se os homens fossem tratados como mulheres. Ambos os vídeos tratam de uma forma bem-humorada a eterna dicotomia dos sexos. Após assistir aos vídeos, espera-se que os alunos discutam em grupos de 3 a 5 membros a seguinte questão:

- *How do you feel, as a man / as a woman, having watched these two film snippets? (Como você se sente, como homem / mulher, ao ter assistido a estes dois videos?)*
- *Do you agree that Feminism is a necessary feature in our society? Why? (Você concorda que o Feminismo é necessário em nossa sociedade? Por quê?)*

No segundo momento, os alunos assistem a um outro vídeo intitulado “Confissões de uma feminista ruim” (*Confessions of a bad feminist*), o qual traz um discurso encorajador da feminista Roxane Gay. Antes de assistir ao vídeo, os alunos devem ser divididos em dois grupos. Cada grupo deverá preparar 5 questões sobre o vídeo

para o perguntarem um ao outro, estimulando-se assim a troca de impressões sobre o discurso de Roxane.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Machismo, Feminismo, o papel da mulher dentro do próprio movimento feminista, Feminismo apenas para mulher feia e/ou “sapatão”, mulheres que odeiam homens, cultura do estupro, estereótipos de gênero, representação política feminina, lei Maria da Penha, feminicídio, objetificação da mulher.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Discussão das perguntas formuladas pelos alunos de forma aberta, conduzida pelo professor, mediando a participação de todos.

Activity 4: Watch these two film snippets below and discuss in small groups:

Dove men care campaign: <http://bit.ly/20LfvOO>

If Men Were Women: <http://bit.ly/1jUUigc>

- *How do you feel, as a man / as a woman, having watched these two film snippets?*
- *Do you agree that Feminism is a necessary feature in our society? Why?*

Now, watch the video “Confessions of a bad feminist” and prepare 5 questions to ask the other group.

Confessions of a bad feminist: <http://bit.ly/2kWxVLF>

## **B. Série didática 2: musicalidade e *jamaicanismo***

ATIVIDADE 1 – APRESENTAÇÃO DA MÚSICA NO WOMAN, NO CRY

**Duração:** 40 a 50 minutos (conforme a atividade selecionada pelo professor)

**Organização da turma:** em duplas ou grupos de 3 alunos

**Material necessário:** Uma fotocópia com a atividade escolhida pelo professor para trabalhar com a turma (veja as opções de atividades propostas no APÊNDICE B e a

letra original no ANEXO A) por grupo, um aparelho de som, o arquivo da música no formato mp3 ou em cd original, e quadro negro para a correção.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos completem a atividade selecionada pelo professor, trocando informações entre os participantes de cada grupo durante as pausas entre as reproduções, que deverão ocorrer no mínimo três vezes para que a atividade seja executada com sucesso, por todos. Este número de repetições proporciona maior conforto aos alunos, atendendo a todos os níveis de proficiência linguística da turma.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Correção oral da atividade selecionada e transferência da mesma para o quadro negro, atendendo assim tanto a prática da habilidade de escuta / fala como a escrita. Após a correção, incentivar os alunos a discutirem nos grupos as seguintes questões:

- *Have you heard this song before? Do you like Reggae music?* (Já tinha ouvido essa música? Gosta de reggae?)
- *How did you like this song? Why?* (Gostou dessa música? Por quê?)
- *Have you heard of Bob Marley? What other songs of his do you know?* (Conhece Bob Marley? Que outras canções você conhece de autoria de Marley?)

#### ATIVIDADE 2 – CONHECENDO BOB MARLEY

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** A primeira leitura deve ser feita de forma individual. Já os exercícios e segunda leitura podem prosseguir em grupos de 3 a 5 alunos.

**Material necessário:** Acesso à internet para leitura online ou, o texto em forma impressa, sendo uma cópia por aluno.

**Produção esperada:** Assim como proposto na atividade 3 relacionada à pintura de Ofili, nesta atividade os alunos deverão ler um texto autêntico online com o auxílio de dicionários e do professor e responder um exercício de perguntas e respostas.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Correção da atividade com a classe e levantamento dos pontos que mais chamaram a atenção dos alunos.

**Link para o texto:** <http://bit.ly/1H0f7j2>

Atividade 2: Acesse o link abaixo e leia o texto com atenção, individualmente. Após a leitura, responda as perguntas a seguir:

Link: <http://bit.ly/1H0f7j2>

1-Bob Marley nasceu na Jamaica. Qual seu nome de batismo e quando ele nasceu?

- Robert Smith Marley, 6 de fevereiro de 1981
- Robert Nesta Marley, 6 de fevereiro de 1945
- Robert Marley III, 11 de maio de 1945

2-Um consagrado cantor brasileiro gravou um álbum com músicas do repertório de Bob Marley. Quem é esse astro, em que ano saiu e qual o nome desse CD?

- Gilberto Gil, 2002, Kaya N'Gan Daya
- Caetano Veloso, 2004, A Foreign Sound
- Luiz Melodia, 1997, 14 Quilates

3-Até 1973, Bob Marley tinha a seu lado, no grupo The Wailers, dois nomes que depois sairiam para investir em carreiras solo. Quem são eles?

- Jimmy Cliff e Bunny Livingstone
- Lee Scratch Perry e Peter Tosh
- Peter Tosh e Bunny Livingston

4-O cantor americano Johnny Nash, autor do sucesso *I Can See Clearly Now*, gravou uma música de Bob Marley que depois faria sucesso com o próprio autor. Qual é o título dela?

- Stir It Up
- Buffalo Soldier
- No Woman No Cry

5-Uma coletânea com os sucessos de Bob Marley fez história ao ultrapassar a marca de 10 milhões de cópias vendidas nos Estados Unidos e mais 10 milhões no resto do mundo, tornando-se o disco de reggae mais vendido de todos os tempos. Qual é o seu nome?

- Greatest Hits

- Legend
- Reggae Greats

6-Bob Marley veio ao Brasil em 1980, mas infelizmente não fez shows. O que trouxe o rei do reggae a nosso país?

- Passar férias e conhecer o nosso Carnaval
- Gravar um novo álbum no Rio de Janeiro
- Participar do lançamento da Island Records no Brasil

7-No Woman No Cry é um dos maiores sucessos do astro. Uma frase de sua letra, repetida várias vezes, equivale a um segundo refrão, comparável à que lhe dá nome. Qual é?

- Observing the hypocrites
- Everything's gonna be alright
- Of Which I'll Share With You

#### TEXTO E ATIVIDADE ALTERNATIVOS

##### Bob Marley

Nesta Robert Marley was born on February 6<sup>th</sup> IN 1945, in 1945, in Jamaica. His father was a White British naval captain and his mother a black village girl. Because of his mixed racial make-up, Bob suffered **bullying** at school and was **nicknamed** “White boy” by his **neighbours**. However, this helped him with his philosophy “I’m not on the White man’s side, on the blackman’s side. I’m on God’s side.”

When he was a small child, he liked to scare people by reading their palms and predicting their future. But in his **teenagehood**, he gave up the **fortuneteller** career to declare that his new destiny was to become a singer.

In his early teens, Marley lived in Kingston’s Trenchtown, a very poor **slum** at the age of 17, Bob and his friend Peter Tosh created the band “Bob Marley The Wailers”, making the Jamaican reggae music **world-wide famous**. Their songs always carried messages of love, peace and unity.

Some of his greatest hits are “One love”, “Is this love”, “I shot the sheriff” and “No Woman, No Cry”.

Marley died of cancer on May 11<sup>th</sup>, 1981 in Miami. His body was flown back to Jamaica to be buried on May 21<sup>st</sup> 1981. In one day, 40.000 people filed past his **coffin** to say goodbye to the greatest reggae artist ever known.

Texto adaptado de *7 Fascinating Facts about Bob Marley*, disponível em:  
<http://bit.ly/1zWSHwe>

#### Glossary:

- **Bullying:** atos violentos, intencionais e repetitivos contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos/psicológicos
- **Nicknamed:** apelidado (nickname: apelido).
- **Neighbours:** vizinhos
- **Teenagehood:** adolescência
- **Fortunetellers:** videntes
- **Slum:** favela
- **World- widefamous:** mundialmente famoso.
- **Burried:** enterrado
- **Coffin:** caixão

#### Comprehension questions:

##### True or false?

- 1) Bob Marley was born in Africa (F)
- 2) His father and his mother were both black people (F)
- 3) Bob was nicknamed as “White Buy” (T)
- 4) Marley was a fortuneteller when he was a child (T)
- 5) Bob Marley didn’t have a band (F)
- 6) Bob became a singer when he was a teenager (T)
- 7) Bob Marley died in Jamaica (F)
- 8) Bob Marley died of cancer (T)
- 9) Marley was buried in Jamaica (T)
- 10) Marley suffered bullying at school (T)

Quiz:

- 1) What was Bob Marley's full name? **Nesta Robert Marley**
- 2) Where was Bob Marley born? **In Jamaica**
- 3) Was his father black or White? **White**
- 4) What was Bob's nickname? **White boy**
- 5) Before being a singer, what was his occupation? **Fortuneteller**
- 6) What's his band's name? **The Wailers**
- 7) Where did he live when he was a teenager? **In Kingston's Trenchtown**
- 8) Name two famous songs by Bob Marley.
- 9) What were the messages in his songs about? **Love, Peace and Unity**
- 10) What kind of music did he play? **Reggae music**

ATIVIDADE 3 – CONHECENDO A JAMAICA E SUAS RAÍZES INGLESAS

**Duração:** Não estimada, será feita em casa como tarefa. Prazo de entrega de uma semana.

**Organização da turma:** em duplas ou grupos de 3 alunos.

**Material necessário:** Textos da atividade 2 para consulta, internet para acessar outras fontes de informação e dicionários online.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos pesquisem de forma colaborativa sobre a Jamaica e suas raízes inglesas e traga para sala de aula em forma de cartaz aspectos e curiosidades de seu interesse. O objetivo dessa tarefa é fomentar o interesse do aluno por outras variantes da Língua Inglesa além das referências Norte Americana e Britânica, bem como o processo de colonização e adaptação ocorridos dentro de outra cultura, enriquecendo-se assim o pensamento crítico e troca / aquisição de maior conhecimento intercultural.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Correção em forma de discussão aberta, dando a cada grupo a oportunidade de expor os pontos pesquisados e trocar informações a respeito do tema. Fechar com a seguinte pergunta para discussão: O processo de colonização e aquisição de outra língua na Jamaica foi semelhante ao do Brasil? Aprofunde-se.

Atividade 3: Sabe-se que a Jamaica tem uma cultura muito diversificada. Desta forma, realize uma breve pesquisa sobre os seguintes pontos e traga em forma de cartaz para sala de aula, em inglês, para uma discussão aberta e troca de informação entre os grupos:

- Fatos históricos e geográficos
- Conflitos sociais
- Como a Língua Inglesa se desenvolveu na Jamaica
- O papel de Bob Marley na sociedade jamaicana
- Reggae e suas raízes

Activity 3: It's commonplace to say that Jamaica presents an intensively diverse culture. In this sense, do a brief research on the following matters and bring to the classroom in the format of a poster. This will be used as material for discussion and sharing of ideas!

- Historical and Geographical facts
- Social conflicts
- How English language was developed in Jamaica
- Bob Marley's role in Jamaican society
- Reggae and its roots

#### ATIVIDADE 4 - TRABALHANDO COM A VARIANTE JAMAICANA DE LÍNGUA INGLESA

**Duração:** 30 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Cópia da atividade música selecionada pelo professor para a apresentação da canção *No Woman, No Cry* e acesso à internet.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos busquem elementos linguístico-culturais de raízes jamaicanas contidos na música *No Woman, No Cry*, ampliando-se assim sua visão de mundo, uma vez que há um nítido favorecimento de duas vertentes como referência linguística, sendo elas a Norte Americana e a Britânica. A

primeira delas é consumida com mais avidez, haja vista as produções *hollywoodianas*, o mercado da música e produções literárias como os *fast reads*<sup>17</sup>.

**Possíveis aspectos linguísticos:** o uso da palavra *seh* ao invés de *say*, *cypocrites* ao invés de *hypocrites*, mostrando que por vezes procura-se escrever da mesma forma que se fala; a falta do verbo auxiliar *do* nas negativas *No Woman, No (don't) Cry*; o uso do *jamaicanismo marke* ao invés de *make*.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** o dia-a-dia de um jamaicano simples; a falta de recursos; a condição da mulher em contexto não romântico.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Pedir aos grupos para que pontuem os temas discutidos, em uma discussão aberta. Feche com a seguinte questão: como é retratado o dia a dia jamaicano nessa canção? É parecido com o Brasil? Quais áreas?

Atividade 4: Algumas palavras da letra de *No Woman, No Cry* são diferentes do que é usado no dia a dia dos falantes de língua inglesa. Com o auxílio de um dicionário e do professor, busque exemplos de palavras pertencentes ao Inglês Jamaicano.

Também, verifique a simbologia dos itens seguintes:

- Trenchtown
- Good friends we have lost
- Cornmeal porridge
- My feet is my only carriage

Activity 4: Some words from *No Woman, No Cry* lyrics are different from their actual use by native speakers of English. With the help of a dictionary as well as your teacher, look up examples of words that specifically belong to Jamaican English.

Also, check the meaning of the following items from the song:

- Trenchtown
- Good friends we have lost
- Cornmeal porridge
- My feet is my only carriage

<sup>17</sup> A literatura *fast read* é formada por um conjunto de fórmulas prontas, cuja leitura flui sem que o leitor tenha que pensar muito profundamente sobre a trama e de forma muito rápida. Se for aceito no mercado, há então uma perpetuação de continuações, fidelizando o leitor.

### C. Série didática 3: em torno do pictórico

#### ATIVIDADE 1 – INVESTIGANDO A PINTURA

**Duração:** 30 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Uma fotocópia com a imagem por grupo ou projetor multimídia para que todos possam visualizar a imagem com qualidade, pois há muitos detalhes. (ver Anexo B)

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos discutam as questões a seguir da forma mais aprofundada possível, fazendo uso tanto da língua materna quanto estrangeira. Os resultados dessa discussão inicial devem ser arquivados como subsídio para a parte final e conclusiva dessa proposta didática. Peça aos alunos uma lista com os tópicos que eles abordaram.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** saudade, violência doméstica e urbana, dor física e emocional, expectativa, ansiedade, frustração, tristeza, vergonha, dor da perda, preconceito racial.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Pedir aos grupos para que pontuem os temas discutidos, em uma roda aberta para todos.

Atividade 1: Observe a imagem e discuta com seus colegas:

- A. Como ela está vestida?
- B. O que ela está fazendo?
- C. A partir da sua vestimenta onde seria o lugar que essa mulher reside?
- D. Por que ela chora?
- E. Ao se deparar com uma mulher chorando, qual seria sua reação?
- F. Entre crianças e adultos, há quantas mulheres na sua família? Elas choram? Por quais motivos?
- G. E você? Quais motivos fariam ou fazem você chorar?

Activity 1: Look at the painting and talk to your group:

- A. What is she wearing?
- B. What is she doing?
- C. Judging by her clothes, where do you think she lives?
- D. Why is she crying?

- E. When you see somebody crying, what's your reaction?
- F. From children to adults, how many women are there in your family? Do they cry? For what reasons?
- G. What about you? What makes you cry?

ATIVIDADE 2 – TRABALHANDO COM O TÍTULO DA OBRA

**Duração:** 20 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** O mesmo da Atividade 1.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos façam uma correlação dessa obra com a canção homônima de Bob Marley, uma vez que se trata de uma música mundialmente conhecida e atemporal.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** a tristeza e a mulher, o sofrimento e a mulher, a espera e a mulher.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Pedir aos grupos para que pontuem os temas discutidos, em uma roda aberta para todos.

Atividade 2: Preste atenção ao título *No Woman, No Cry* e discuta com seus colegas:

- O que o título NO WOMAN, NO CRY lembra vocês?
- Qual seria a relação da mulher na pintura com a memória que se tem desse título?
- E quem seria Chris Ofili e por que esta pintura recebeu este título?

Activity 2: Pay attention to the title *No Woman, No Cry* and talk to your group:

- What does this title remind you?
- Do you remember seeing this title elsewhere?
- Who's Chris Ofili and why does his painting have this name?

### ATIVIDADE 3: CONHECENDO A OBRA E O PINTOR

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** A primeira leitura deve ser feita de forma individual. Já os exercícios e segunda leitura podem prosseguir em grupos de 3 a 5 alunos.

**Material necessário:** Acesso à internet para leitura online ou, o texto em forma impressa, sendo uma cópia por aluno.

**Produção esperada:** Os alunos deverão ler um texto autêntico online com o auxílio de dicionários e do professor e responder um exercício de verdadeiro ou falso.

**Conclusão da atividade:** Correção da atividade com a classe e levantamento dos pontos que mais chamaram a atenção dos alunos.

**Links para os textos:** <http://bit.ly/2ljo9lw> e <http://bit.ly/2lpEYgw>

Atividade 3: Acesse os dois links abaixo e leia os textos com atenção, individualmente. Após a leitura, responda se as seguintes afirmações são verdadeiras (True) ou falsas (False).

Links:

<http://bit.ly/2ljo9lw> e <http://bit.ly/2lpEYgw>

- ( ) No Woman, No Cry is a very large, densely layered painting that depicts a crying woman set among various abstract patterns.
- ( ) She wears black eye shadow, red lipstick, a string of coloured beads that sits just below her hairline and a thin orange necklace, and a hat.
- ( ) A series of pale blue tears descends from each of her eyes, all of which feature at their centre a very small collaged photograph of a boy's face.
- ( ) The background is painted of pale pink and bright blue, criss-crossed by conjoined sequences of circles that each contains a concentric ring.
- ( ) Forming the pendant of her necklace is a lump of elephant dung containing map pins, and the woman's chest bears an area of vibrant red and orange paint, with flame-like yellow forks across its top edge
- ( ) The phosphorescent inscription in the painting indicates that the crying woman depicted is Doreen Lawrence the mother of Stephen Lawrence, who was murdered as a teenage boy in a racist attack in London in 1993
- ( ) This painting represents the suffering for an unrequited love.

#### ATIVIDADE 4 – CORRELACIONANDO AS OBRAS *No Woman, No Cry*

**Duração:** 10 minutos

**Organização da turma:** Todos

**Material necessário:** O mesmo da atividade 1.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos consigam estabelecer uma correlação com a canção de título homônimo de Bob Marley fazendo uso tanto das informações obtidas em sala de aula como do seu próprio conhecimento prévio. A atividade deve ser conduzida como uma discussão de grupo, e servirá de introdução para a próxima etapa dessa proposta didática, o desenvolvimento de atividades em torno da música *No Woman, No Cry* e sua simbologia. Portanto, essa atividade deve ser feita na mesma aula em que será introduzida e apresentada a canção, pois se trata mais de uma atividade introdutória do que conclusiva.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Prosseguir para a primeira atividade da música *No Woman, No Cry* de Bob Marley, permitindo aos alunos que verifiquem se estavam corretos em suas deduções.

Atividade 4: Como apresentado, o título da obra remete a uma música. Qual seria a relação da obra com a música? Será que ambas refletem o mesmo teor de representação?

Activity 4: As already mentioned, this title reminds us of a song as well. What's the connexion between the painting and the song? Do both of them reflect the same issues?

#### D. Série didática 4 – O mito de Penélope

Penélope, uma das heroínas da Mitologia grega e filha de Ícaro, foi pedida em casamento pelo príncipe Ulisses. Após quase um ano de uma união harmoniosa, Ulisses partiu para lutar na Guerra de Tróia deixando Penélope só. Com isso, seu pai, que havia sido contrariado com a escolha de sua filha de se casar com Ulisses, sugeriu que ela se casasse novamente, já que não havia notícias se seu marido estava vivo ou morto. Com inúmeros pretendentes querendo ocupar o lugar de

Ulisses, Penélope usou de todos os artifícios que estivessem ao seu alcance para protelar a decisão de escolher um novo companheiro, uma vez que em seu coração Ulisses era mais vivo que nunca.

Então começou a tecer uma tela que serviria de mortalha para seu sogro, que já era muito idoso. Ao término dessa tela, Penélope prometera se casar novamente. Entretanto, tecia à frente de todos durante o dia, mas à noite, desmanchava todo o trabalho feito. Logo, a mortalha nunca fora concluída. E assim ela o fez por vinte anos, até que Ulisses retornasse aos seus braços.

O mito de Penélope representa a pessoa que espera, que borda, que tece os fios de sua própria vida, sempre aguardando o retorno de alguém ou mesmo a resolução de uma situação. Com o ato de tecer e desmanchar surge os nós, que representam os problemas da vida o quais enfrentamos.

Evidentemente, o mito de Penélope transparece em ambas as obras deste artigo, e nesta seção da proposta didática o aluno será instigado a discutir essa relação.

Texto adaptado com base nas leituras do Portal da Educação e *Encyclopedia of Greco-Roman Mythology*.

#### ATIVIDADE 1: PENÉLOPE, A APAIXONADA

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** A primeira leitura deve ser feita de forma individual. Já a discussão e segunda leitura podem prosseguir em grupos de 3 a 5 alunos.

**Material necessário:** Acesso à internet para leitura online ou, o texto em forma impressa, sendo uma cópia por aluno; aparelho de som para a reprodução da canção como música de fundo durante a discussão em grupos; e a imagem da pintura em fotocópia ou imagem projetada para auxiliar os alunos a recobrem conceitos e impressões já debatidas ao longo dessa prática didática.

**Produção esperada:** Os alunos deverão ler um texto autêntico online com o auxílio de dicionários e do professor e correlacionar as três figuras femininas: Penélope, a *afromusa* de Ofili, e a mulher que chora na canção *No Woman, No Cry*.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Discussão aberta, dando a cada grupo a oportunidade de expor suas impressões e trocar informações a respeito do tema. Os alunos deverão entregar na semana seguinte um cartaz por grupo, ilustrando a discussão conduzida em sala de aula.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Assim como na discussão proposta na seção que trata a pintura, alguns temas podem ser abordados novamente pelos alunos, com a dor da saudade, violência doméstica, dor física e emocional, expectativa, ansiedade, frustração, tristeza, vergonha, dor da perda.

**Link para o texto:** <http://bit.ly/2IZCUJ8>

Atividade 1: Acesse o link abaixo e leia o texto com atenção, individualmente. Após a leitura, discuta com o seu grupo as seguintes questões:

Link:

<http://www.mythencyclopedia.com/Pa-Pr/Penelope.html>

- Assim como Penélope espera pelo regresso de Ulisses, tido como algo impossível por muitos ao seu redor, as figuras femininas tanto da canção como da pintura também esperam por algo ou alguém. Concorda? Por quê?
- O mito de Penélope ainda se faz presente em nossa sociedade?
- Há alguém que você conheça que está à espera de alguma coisa ou alguém, e que esteja sofrendo como Penélope?
- Você já vivenciou de alguma forma a mesma espera de Penélope?

Activity 1: Visit the webpage below and read the text carefully, individually. Then, after your first reading, discuss with your group the following issues:

Link: <http://bit.ly/2IZCUJ8>

- As much as Penelope awaits Ulysses return, which was considered impossible by many, the female figures in both painting and song also wait for something or somebody. Do you agree? Why?
- Is the Myth of Penelope still part of our society's present days?
- Is there anyone you know who's been waiting for something to happen, and has been suffering because of this?
- Have you ever been in Penelope's shoes?

ATIVIDADE 2: ULISSES, O FANFARRÃO

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos.

**Material necessário:** Projetor de imagens ou uma cópia da ilustração por grupo.

**Produção esperada:** Os alunos deverão ler um texto do gênero tira de humor sobre o reencontro de Penélope e Ulisses (Conhecido também como Odisseu) e discutir se Penélope deveria mesmo ter ficado esse tempo todo esperando pelo retorno do seu marido.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Infidelidade masculina, fidelidade feminina, “a fila anda” para todos, ilusão amorosa, independência feminina.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Discussão aberta, dando a cada grupo a oportunidade de expor suas impressões e trocar informações a respeito do tema.

Atividade 2: Observe a ilustração e discuta as seguintes questões em grupo:

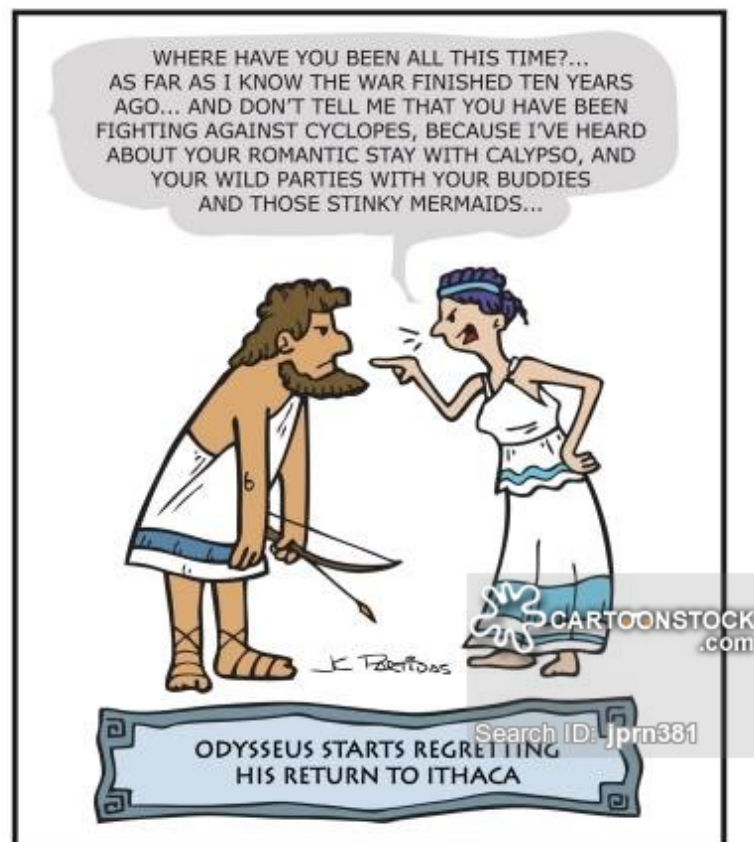


Imagem disponível em <http://bit.ly/2klhjVs>

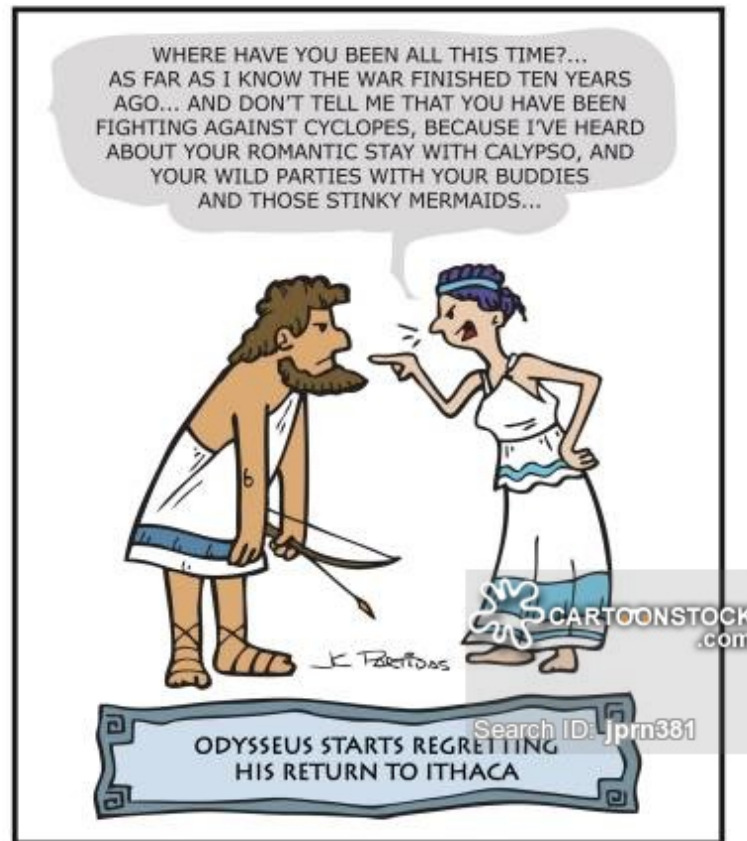
Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

Odisseu começa a se arrepender por ter retornado à Ítaca

“Onde você esteve durante este tempo todo? Até onde eu sei, a guerra terminou há dez anos... e não venha me dizer que você esteve lutand contra ciclopes, porque eu fiquei sabendo do seu *romancezinho* com Calypso, e ouvi falar das suas festinhas com os amigos e das malditas sereias...”

- Você concorda que Penélope deveria ter ficado esperando por Ulisses?
- Se você estivesse no lugar de Penélope, o que você faria?
- Ulisses tinha razões concretas para se arrepender de ter voltado para Ítaca?
- Se você estivesse no lugar de Ulisses, o que você teria feito?
- Se fosse possível, qual conselho você daria à Penélope.
- Há mulheres como Penélope em nossa sociedade? Elas são vistas como boa ou má pessoa?
- Há mulheres ruins? Há homens ruins?
- Pode-se dizer que todo homem não presta?
- Qual a sua impressão sobre Ulisses? Você concorda que ele faz um papel de homem totalmente aceito pela sociedade?
- E se fosse Penélope quem tivesse se ausentado por tanto tempo?

Activity 2: Look at the illustration and talk about the following questions with your group:



Picture available in: <http://bit.ly/2klhjVs>

Retrieved on February 14<sup>th</sup>, 2017

- Should have Penelope waited for Ulysses for so long? Why?
- If you were on Penelope's shoes, what would you have done?
- Does Ulysses have good reasons for regretting his return to Ithaca?
- If you were on Ulysses shoes, what would you have done?
- If you could, what piece of advice would give Penelope?
- Are there women like this in our society? Are they seen as good women?
- Are there bad women? And how about bad men?
- Is it possible to assume that every man is a bad man?
- What is your impression of Ulysses? Do you agree that he plays a socially accepted role?
- What if it was Penelope the one who had been absented for so long?

### ATIVIDADE 3 – PERSONIFICAÇÃO DO APRENDIZADO

**Duração:** Não estimada, será feita em casa como tarefa. Prazo de entrega de uma semana.

**Organização da turma:** grupos de 3 a 5 alunos

**Material necessário:** Todo o material de leitura, imagem e música trabalhados em sala de aula, bem como cartolinas, papel craft e materiais diversos de papelaria.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos elaborem de forma colaborativa um painel, ilustrando suas próprias musas e por que elas choram. Esclarecer aos alunos que para essa atividade, o conceito de musa é amplo e não tem a necessidade de ser uma figura feminina, podendo assim assumir a forma de um coletivo de minorias, ou até mesmo majorias ironicamente subjugadas. Os cartazes produzidos anteriormente podem ser revisitados e reaproveitados.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Assuntos recorrentes da proposta, como a saudade, violência doméstica, dor física e emocional, expectativa, ansiedade, frustração, tristeza, vergonha, dor da perda, mulher *versus* homem, rico *versus* pobre, negro *versus* branco, homossexual *versus* heterossexual, gênero *versus* sexo biológico, identidade.

**Fechamento da atividade:** Organizar uma exposição desse painel na escola atuante.

Atividade 3: Agora é a sua vez de dar voz à uma musa tão heroica quanto Penélope e as representações femininas das obras *No Woman, No Cry*. Em grupos de 3 a 5 colegas, crie uma parte de um grande painel que será exposto na escola. Este painel deve retratar uma figura feminina ou não, que estejam sofrendo de alguma forma as mazelas da sociedade brasileira. Cada parte deste painel deverá conter uma frase em inglês que tenha lhe causado impacto positivo durante as aulas. Seja criativo e ousado, deixe o pensamento solto. Aproveitem para tirar algumas fotos do grupo durante o processo de desenvolvimento do seu projeto para registrar o momento.

Activity 3: Now it's your turn to give a voice to a muse as heroic as Penelope and the female figures in both works *No Woman, No Cry*. In groups of 3 to 5, design a part of a panel to be exhibited on the walls and corridors from school. The final product of this panel should depict a human figure, not necessarily a woman, who is suffering somehow from our society's endeavours. Each part of this panel must contain positive and impactful sentences in English, related to the discussions we've had in classroom. Be creative and bold, open up your mind! And don't forget to take some pictures during the process to keep record.

#### ATIVIDADE 4 – FECHAMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA E AUTOAVALIAÇÃO

**Duração:** 50 minutos

**Organização da turma:** Discussão aberta

**Material necessário:** Projetor multimídia para projeção de fotos tiradas durante a o desenvolvimento e exposição do painel.

**Produção esperada:** Espera-se que os alunos participem ativamente deste momento de conclusão, expressando suas opiniões e manifestando seus interesses com relação ao tema abordado. Este momento deve ser de intensa reflexão tanto para os alunos quanto para o professor, pois o resultado dessa discussão pode auxiliar em ajustes para o uso futuro desta mesma proposta didática.

**Possíveis assuntos a serem abordados:** Pontos positivos e negativos do decorrer das atividades, grau de interesse sobre o tema, crescimento pessoal e intercultural.

**Verificação do aprendizado e aquisição de conhecimento:** Projeção das fotos tiradas pelos alunos e outros membros da escola, e previamente coletadas pelo professor.

Atividade 4: Essa série de atividades chegou ao fim. Agora é o momento de sentar e avaliar como foi o aproveitamento e quais foram as áreas de maior ou menor interesse. Vamos discutir:

- Qual ou quais atividades você mais gostou? Aprofunde-se.
- Qual ou quais atividades você não gostou? Aprofunde-se.
- O que você conhecia sobre a Jamaica antes dessas atividades? Mudou alguma coisa?

- No seu ponto de vista, a realidade brasileira é parecida com a da Jamaica? Aprofunde-se.
- Você concorda que o mito de Penélope é vivido por outras mulheres? Quais? Você acha que a mesma situação pode ser vivida por homens também? Aprofunde-se.
- Você já tinha ouvido falar sobre Feminismo? O que era Feminismo para você antes destas aulas?
- Na sua opinião, Feminismo é o oposto de machismo?
- Você concorda que apenas a mulher pode sofrer e chorar?
- Antes dessas atividades, qual era a sua visão sobre a mulher?
- Qual ou quais lições você levará para fora da sala de aula?

Activity 4: The end of this series of discussions and discoveries has come. Now it's time to sit down and evaluate the benefits we've gained and which areas of discussion you enjoyed most (or not!). Let's talk:

- Which activities did you like best? Tell us more.
- How about the ones you didn't like at all? Tell us about that.
- What did you know about Jamaica before these activities? Has something changed for you?
- Do you think that our Brazilian reality is similar to Jamaica's? Why?
- Do you agree that The Myth of Penelope is a reality for many women nowadays? Why?
- Had you had heard of Feminism before the lessons? What did it use to be your definition of Feminism?
- Do you think Feminism is the opposite of sexism?
- Do you agree that suffering and crying is a woman's thing?
- Before these activities, what was your opinion about women?
- Which of these life lessons will you take outside the school's limits?



No woman no cry.	No woman no cry.
<b>No Woman, No Cry</b> <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>	<b>No Woman, No Cry</b> <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>
Ouça com atenção a música e complete as lacunas:	Ouça com atenção a música e complete as lacunas:
<p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry  No woman no cry  No woman no cry</p> <p>Cause I remember _____ we used to sit  In a government yard in Trenchtown  Observing the cypocrites  Mingle with the good _____ we meet  Good _____ we have  Oh, good friends we've _____ along the way  In this great future, you can't forget your _____  So dry your tears, I seh</p> <p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry  Little _____, don't shed no tears  No woman no cry</p> <p>Said I remember _____ we use to sit  In the government yard in Trenchtown  And then Georgie would marke the _____  lights  I seh, log would burnin' thru the _____  Then we would _____ cornmeal porridge  Of which I'll share with you</p> <p>My _____ is my only carriage  And so I've got to push on thru,  Oh, while I'm gone</p> <p style="text-align: center;">Everything's gonna be alright  Everything's gonna be alright</p> <p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry</p> <p>I seh little darlin' don't shed no tears  No woman no cry.</p>	<p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry  No woman no cry  No woman no cry</p> <p>Cause I remember _____ we used to sit  In a government yard in Trenchtown  Observing the cypocrites  Mingle with the good _____ we meet  Good _____ we have  Oh, good friends we've _____ along the way  In this great future, you can't forget your _____  So dry your tears, I seh</p> <p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry  Little _____, don't shed no tears  No woman no cry</p> <p>Said I remember _____ we use to sit  In the government yard in Trenchtown  And then Georgie would marke the _____  lights  I seh, log would burnin' thru the _____  Then we would _____ cornmeal porridge  Of which I'll share with you</p> <p>My _____ is my only carriage  And so I've got to push on thru,  Oh, while I'm gone</p> <p style="text-align: center;">Everything's gonna be alright  Everything's gonna be alright</p> <p style="text-align: center;">No woman no cry  No woman no cry</p> <p>I seh little darlin' don't shed no tears  No woman no cry.</p>

<b>No Woman, No Cry</b> <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>	<b>No Woman, No Cry</b> <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>
Ouça com atenção a música e circule a palavra correta:	Ouça com atenção a música e circule a palavra correta:
<p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry              No woman no cry              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             Cause I remember <b>then / when</b> we used to sit              In a government yard in Trenchtown              Observing the cypocrites  <b>Mingle / Jingle</b> with the good people we <b>meet /</b>  <b>meat</b>              Good friends we have              Oh, good friends we've <b>crossed / lost</b> along the way              In this great <b>feature / future</b>, you can't forget your              past              So dry your tears, I seh           </p> <p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry              Little darling, don't shed no tears              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             Said I remember <b>when / then</b> we used to sit              In the government yard in Trenchtown              And then Georgie <b>would / wood</b> marke the fire <b>flies /</b>  <b>lights</b>              I seh, log would burnin' thru the nights              Then we would cook cornmeal <b>carriage / porridge</b>              Of which I'll share with you           </p> <p style="text-align: center;">             My <b>fit / feet</b> is my only <b>carriage / porridge</b>              And so I've got to push on thru,              Oh, <b>wild / while</b> I'm gone           </p> <p style="text-align: center;">             Everything's gonna be alright              Everything's gonna be alright           </p> <p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             I seh little darlin' don't shed no tears              No woman no cry.           </p>	<p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry              No woman no cry              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             Cause I remember <b>then / when</b> we used to sit              In a government yard in Trenchtown              Observing the cypocrites  <b>Mingle / Jingle</b> with the good people we <b>meet /</b>  <b>meat</b>              Good friends we have              Oh, good friends we've <b>crossed / lost</b> along the way              In this great <b>feature / future</b>, you can't forget your              past              So dry your tears, I seh           </p> <p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry              Little darling, don't shed no tears              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             Said I remember <b>when / then</b> we used to sit              In the government yard in Trenchtown              And then Georgie <b>would / wood</b> marke the fire <b>flies /</b>  <b>lights</b>              I seh, log would burnin' thru the nights              Then we would cook cornmeal <b>carriage / porridge</b>              Of which I'll share with you           </p> <p style="text-align: center;">             My <b>fit / feet</b> is my only <b>carriage / porridge</b>              And so I've got to push on thru,              Oh, <b>wild / while</b> I'm gone           </p> <p style="text-align: center;">             Everything's gonna be alright              Everything's gonna be alright           </p> <p style="text-align: center;">             No woman no cry              No woman no cry           </p> <p style="text-align: center;">             I seh little darlin' don't shed no tears              No woman no cry.           </p>



No woman no cry.	No woman no cry.
------------------	------------------

No Woman, No Cry <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>	No Woman, No Cry <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>
Ouçã com atençãõ a música e enumere as estrofes na ordem correta:	Ouçã com atençãõ a música e enumere as estrofes na ordem correta:
<p>No woman no cry No woman no cry No woman no cry No woman no cry</p> <p>( ) Said I remember when we use to sit In the government yard in Trenchtown And then Georgie would marke the fire lights I seh, log would burnin' thru the nights Then we would cook cornmeal porridge Of which I'll share with you</p> <p>( ) My feet is my only carriage And so I've got to push on thru, Oh, while I'm gone</p> <p>( ) Cause I remember when we used to sit In a government yard in Trenchtown Observing the cypocrites Mingle with the good people we meet Good friends we have Oh, good friends we've lost along the way In this great future, you can't forget your past So dry your tears, I seh</p> <p>( ) No woman no cry No woman no cry Little darling, don't shed no tears No woman no cry</p> <p>Everything's gonna be alright Everything's gonna be alright</p> <p>No woman no cry</p>	<p>No woman no cry No woman no cry No woman no cry No woman no cry</p> <p>( ) Said I remember when we use to sit In the government yard in Trenchtown And then Georgie would marke the fire lights I seh, log would burnin' thru the nights Then we would cook cornmeal porridge Of which I'll share with you</p> <p>( ) My feet is my only carriage And so I've got to push on thru, Oh, while I'm gone</p> <p>( ) Cause I remember when we used to sit In a government yard in Trenchtown Observing the cypocrites Mingle with the good people we meet Good friends we have Oh, good friends we've lost along the way In this great future, you can't forget your past So dry your tears, I seh</p> <p>( ) No woman no cry No woman no cry Little darling, don't shed no tears No woman no cry</p> <p>Everything's gonna be alright Everything's gonna be alright</p> <p>No woman no cry</p>

No woman no cry  I seh little darlin' don't shed no tears No woman no cry.	No woman no cry  I seh little darlin' don't shed no tears No woman no cry.
---	---

## No Woman, No Cry

*Bob Marley & V. Ford*

Ouçã com atençãõ a músicã e relacione as metades das frases propostas:

No woman no cry  
No woman no cry  
No woman no cry  
No woman no cry

**(1)** Cause I remember ...  
In a government yard in Trenchtown  
Observing the cypocrites  
**(2)** Mingle with Good friends we have...  
**(3)** Oh, good friends ...  
**(4)** In this great future, ...  
So dry your tears, I seh

you can't forget your past  
 when we used to sit  
 the good people we meet  
 we've lost along the way

No woman no cry  
No woman no cry  
Little darling, don't shed no tears  
No woman no cry

**(1)** Said I remember ...  
In the government yard in Trenchtown  
**(2)** And then Georgie ...  
**(3)** I seh, log would ...  
**(4)** Then we would ...  
**(5)** Of which I'll ...

burnin' thru the nights  
 when we use to sit  
 share with you  
 burnin' thru the nights  
 cook cornmeal porridge

My feet is my only carriage  
And so I've got to push on thru,  
Oh, while I'm gone

Everything's gonna be alright  
Everything's gonna be alright

No woman no cry  
No woman no cry

I seh little darlin' don't shed no tears  
No woman no cry.

## VERSÃO ORIGINAL PARA CORREÇÃO

No Woman, No Cry <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>	No Woman, No Cry <i>Bob Marley &amp; V. Ford</i>
<p>No woman no cry No woman no cry No woman no cry No woman no cry</p> <p>Cause I remember when we used to sit In a government yard in Trenchtown Observing the cypocrites Mingle with the good people we meet Good friends we have Oh, good friends we've lost along the way In this great future, you can't forget your past So dry your tears, I seh</p> <p>No woman no cry No woman no cry Little darling, don't shed no tears No woman no cry</p> <p>Said I remember when we use to sit In the government yard in Trenchtown And then Georgie would marke the fire lights I seh, log would burnin' thru the nights Then we would cook cornmeal porridge Of which I'll share with you</p> <p>My feet is my only carriage And so I've got to push on thru, Oh, while I'm gone</p> <p>Everything's gonna be alright Everything's gonna be alright</p> <p>No woman no cry No woman no cry</p> <p>I seh little darlin' don't shed no tears No woman no cry.</p>	<p>No woman no cry No woman no cry No woman no cry No woman no cry</p> <p>Cause I remember when we used to sit In a government yard in Trenchtown Observing the cypocrites Mingle with the good people we meet Good friends we have Oh, good friends we've lost along the way In this great future, you can't forget your past So dry your tears, I seh</p> <p>No woman no cry No woman no cry Little darling, don't shed no tears No woman no cry</p> <p>Said I remember when we use to sit In the government yard in Trenchtown And then Georgie would marke the fire lights I seh, log would burnin' thru the nights Then we would cook cornmeal porridge Of which I'll share with you</p> <p>My feet is my only carriage And so I've got to push on thru, Oh, while I'm gone</p> <p>Everything's gonna be alright Everything's gonna be alright</p> <p>No woman no cry No woman no cry</p> <p>I seh little darlin' don't shed no tears No woman no cry.</p>

APÊNDICE C  
Versão do Aluno

MATCH THE FOLLOWING EXPRESSIONS WITH THEIR DEFINITIONS	
EXPRESSIONS	DEFINITIONS
<b>A</b> <b>Sexism</b> <i>noun</i> [U] UK /'seks.sɪ.zəm/ US /'seks.sɪ.zəm/ DISAPPROVING	<b>the physical and/or social condition of being male or female:</b> <i>Does this test show the ----- of the baby?</i>
<b>B</b> <b>Misogyny</b> <i>noun</i> [U] UK /mɪ'sɒdʒ.ən.i/ US /mɪ'sɑː.dʒən.i/	<b>a person's feeling of having a particular gender:</b> <i>For these young people, their ----- are fluid and have nothing to do with sexual preference.</i>
<b>C</b> <b>Gender</b> <i>noun</i> [U] UK /'dʒen.dər/ US /'dʒen.də/	<b>by its nature, embraces the belief that all people are entitled to freedom and liberty within reason--including equal civil rights—regardless of their gender, sexual orientation, skin color, ethnicity, religion, culture, or lifestyle.</b>
<b>D</b> <b>Sex</b> <i>noun</i> [U] UK /seks/ US /seks/	<b>a strong feeling among a group of people in reaction to a change or recent events in society or politics.</b>
<b>E</b> <b>Gender bias</b> <i>noun</i> [U] UK /'dʒen.dər 'baɪ.əs/ US /'dʒen.də 'baɪ.əs/	<b>(actions based on) the belief that the members of one sex are less intelligent, able, skilful, etc. than the members of the other sex, especially that women are less able than men:</b> <i>The university has been accused of ----- because it has so few women professors.</i>
<b>F</b> <b>Gender identity</b> <i>noun</i> [C or U] UK /'dʒen.dər aɪ.den.tə.ti/ US /'dʒen.də aɪ.den.tə.ti/	<b>the act of giving advantage to those groups in society that are often treated unfairly because of their race, sex, etc.</b>
<b>G</b> <b>Identity</b> <i>noun</i> [C or U] UK /aɪ'den.tə.ti/ US /aɪ'den.tə.ti/	<b>the fact of someone preferring to have sexual relationships either with men, or with women, or with both.</b>
<b>H</b> <b>Feminism</b> <i>noun</i> [U] UK /'fem.ɪ.nɪ.zəm/ US /'fem.ə.nɪ.zəm/	<b>unfair difference in the way women and men are treated:</b> <i>She said that she has not experienced ----- in the medical profession.</i>
<b>I</b> <b>Positive discrimination</b> <i>noun</i> [U] UK /,pɒz.ə.tɪv dɪ.skɪm.ɪ'neɪ.fən/ US /,pɑː.zə.tɪv dɪ.skɪm.ɪ'neɪ.fən/	<b>someone's ability to experience or express sexual feelings.</b>
<b>J</b> <b>Backlash</b> <i>noun</i> [C] UK /'bæk.læʃ/ US /'bæk.læʃ/	<b>the state of being either male or female:</b> <i>She accused her employer of ----- discrimination (= of treating her unfairly because she was a woman).</i>
<b>K</b> <b>Sexuality</b> <i>noun</i> [U] UK /,seks.sju'æl.ə.ti/ US /,seks.sju'æl.ə.ti/	<b>feelings of hating women, or the belief that men are much better than women.</b>
<b>L</b> <b>Sexual orientation</b> <i>noun</i> [U or C] UK /,seks.sju'æl.ɔːr.i.en'teɪ.fən/ US /,seks.sju'æl.ɔːr.i.en'teɪ.fən/	<b>who a person is, or the qualities of a person or group that make them different from others.</b>

**ANEXO**

## ANEXO A

Letra da canção *No Woman, No Cry*

**NO WOMAN, NO CRY – (MARLEY & V. FORD)**

No woman no cry  
 No woman no cry  
 No woman no cry  
 No woman no cry

Cause I remember when we used to sit  
 In a government yard in Trenchtown  
 Observing the cypocrites  
 Mingle with the good people we meet  
 Good friends we have  
 Oh, good friends we've lost along the way  
 In this great future, you can't forget your past  
 So dry your tears, I seh

No woman no cry  
 No woman no cry  
 Little darling, don't shed no tears  
 No woman no cry

Said I remember when we use to sit  
 In the government yard in Trenchtown  
 And then Georgie would marke the fire lights  
 I seh, log would burnin' thru the nights  
 Then we would cook cor meal porridge  
 Of which I'll share with you

My feet is my only carriage  
 And so I've got to push on thru,  
 Oh, while I'm gone

Everything's gonna be alright  
 Everything's gonna be alright

No woman no cry  
 No woman no cry

I seh little darlin' don't shed no tears  
 No woman no cry.

ANEXO B

Pintura *No Woman, No Cry* de Chris Ofili



**NO WOMAN, NO CRY (CHRIS OFILI)**